

ÓRGÃO CENTRAL
DO
PARTIDO COMUNISTA
PORTUGUÊS

Director
António Dias Lourenço

Avante!

Ano 53 - Série VII - N.º 521
22 de Dezembro de 1983

Preço: 20\$00

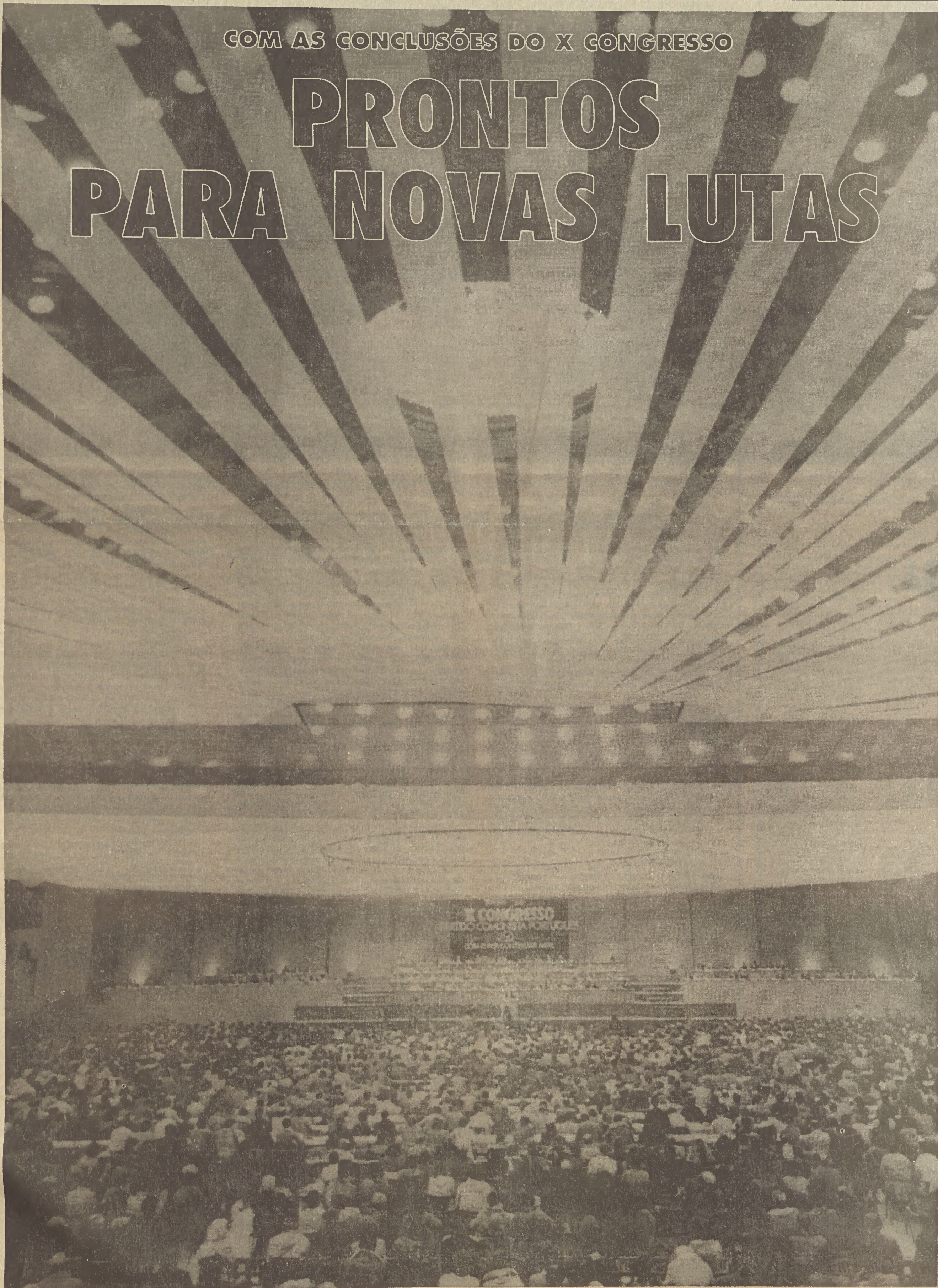
Proletários de todos os países: UNI-VOS!

SEMANÁRIO

Propriedade do Partido Comunista Português - Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

COM AS CONCLUSÕES DO X CONGRESSO

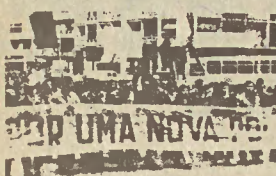
PRONTOS PARA NOVAS LUTAS



SEMANA

14

Quarta-feira



Protesto em Almada

Morre a pintora Sara Afonso, viúva de Almada Negreiros, vítima de pneumonia ■ Os trabalhadores da indústria naval do concelho de Almada ocupam simbolicamente as instalações do Banco Totta e Açores naquela cidade, exigindo o pagamento dos salários em atraso; o Banco tem responsabilidades na viabilização das empresas do sector ■ Mário Soares, que cada vez fala pior, afirma na inauguração do «Palácio das Telecomunicações» que a política de austeridade do Governo é para reduzir «drasticamente os défices exteriores do endividamento externo» ■ Começa em Bissau a reunião preparatória da cimeira de chefes de Estado dos países africanos de expressão portuguesa ■ As marinhas de guerra dos EUA e de Israel voltam a atacar posições sírias no Líbano ■ Começa em Madrid o 11.º congresso do PCE ■ Um porta-voz do governo da RFA afirma que os primeiros mísseis nucleares norte-americanos estacionados naquele país estarão operacionais nos fins deste mês ■ Demite-se o governo boliviano.

15

Quinta-feira

Começa no Porto o X Congresso do Partido Comunista Português ■ Mota Pinto afirma à saída da reunião da Comissão Política do PSD que não vai haver qualquer remodelação governamental ■ Mário Soares, em almoço com o presidente Mobutu, do Zaire, afirma a sua disposição em cooperar na realização de projectos que contribuam para o desenvolvimento económico daquele país africano ■ A Associação Nacional das Farmácias decide suspender nos dias 20 e 21 os fornecimentos a crédito aos beneficiários dos Serviços Médico-Sociais em oito distritos, devido ao não pagamento pelo SMS da dívida às farmácias ■ As conversações de Viena entre os países da NATO e do Pacto de Varsóvia para a redução das Forças Armadas e armamentos na Europa Central são interrompidas sem marcação de data para o seu recomeço ■ As tropas sionistas continuam a bombardear os palestinianos em Tripoli, apesar do governo da Grécia afirmar ter recebido as garantias necessárias para a evacuação das forças da OLP.

16

Sexta-feira

A ANOP divulga a terceira carta enviada ao governo solicitando verbas para o pagamento das suas dívidas, salários e subsídios de Natal; as duas anteriores ainda não tiveram qualquer resposta, ao fim de trinta dias, apesar da sua manifesta urgência ■ O presidente do Zaire, de visita a Portugal, decide cancelar a sua visita ao Porto e à base de Tanco, devido «ao mau tempo» ■ Trabalhadores da Messa concentram-se junto ao Ministério do Trabalho exigindo o pagamento dos salários ■ Partem do Pireu os cinco navios gregos que com a bandeira da ONU deverão evacuar de Tripoli os combatentes da OLP e o seu dirigente, Yasser Arafat; entretanto em Beirute é anunciado um cessar-fogo entre a Frente de Salvação Nacional e o governo libanês ■ Ao mesmo tempo que as tropas racistas da África do Sul intensificam as acções militares contra Angola, o regime de Pretória faz chegar às Nações Unidas uma «proposta» para pôr termo às agressões, da autoria dos EUA e em que nenhuma garantia é dada.

17

Sábado



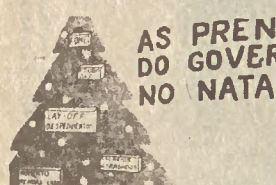
Embaixador de Angola

Ramalho Eanes empossa o novo Chefe de Estado-Maior do Exército, Salazar Braga ■ Termina em Lisboa o I Simpósio Nacional de Tecnologia da Informação que propôs ao Governo, entre outras coisas, o lançamento de um Plano Nacional de Tecnologia da Informação ■ A Comissão

Permanente do PS emite um comunicado expressando o seu desejo de que apareça em Portugal outro PCP «criativo e dialogante com a esquerda democrática», congratulando-se ao mesmo tempo com o estado a que Portugal chegou, no campo financeiro; se o assunto não fosse tão sério, até era caso para rir... ■ Angola rejeita a falsa trégua proposta pela África do Sul e exige a retirada incondicional das forças racistas do território angolano ■ Uma centena de pacifistas bloqueiam por duas horas uma base americana na RFA ■ Atentado no centro de Londres provoca nove mortos e 75 feridos.

18

Domingo



Natal de luta

Termina no Palácio de Cristal, no Porto, o X Congresso do PCP, com a eleição dos novos dirigentes do Partido, que passa agora a contar com um Secretariado Político Permanente ■ A CGTP-IN anuncia que este Natal será uma grande jornada de solidariedade e luta dos trabalhadores portugueses, que em diversas vigílias e outras acções vão protestar contra a desastrosa política PS/PSD ■ Morre em Lisboa o realizador de cinema Henrique Campos ■ O ministro da Agricultura da RFA afirma que a adesão de Portugal e da Espanha à CEE é desnecessária e cara, do ponto de vista agrícola ■ Começa em Bissau a cimeira dos chefes de Estado de Angola, Moçambique, Cabo-Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe ■ A aviação de Pretória ataca povoações do sul de Angola.

19

Segunda-feira

É publicada no «Diário da República» a nova lei das rendas comerciais que permite não só aumentos brutais imediatos como institui aumentos anuais acompanhando as taxas de inflação ■ Realiza-se em Alcântara uma homenagem a José Dias Coelho, assassinado há 22 anos pela PIDE ■ João Jardim, presidente do Governo Regional da Madeira, afirma que o CDS local «é um bando de fascistas»; a afirmação vem na sequência do agravamento das relações entre o PSD e o CDS da Madeira, que rivalizam na atribuição mútua das piores ofensas ■ O Presidente da República recebe em audiência Hermann Axen, presidente do Comité de Política Externa da RDA, que se deslocou a Portugal para participar no X Congresso do PCP ■ Pela primeira vez em 28 anos, o Partido Liberal Democrático do Japão perde a maioria absoluta no Parlamento ■ Os ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE analisam as consequências imediatas do malogro da cimeira de Atenas.

20

Terça-feira

Sem explicações concretas, numa manobra em que a irresponsabilidade é nota saliente, os dois vereadores do PS na Câmara Municipal de Faro suspendem os seus mandatos ■ O Governo é firmemente criticado pelo seu comportamento no combate aos efeitos das recentes cheias, numa exposição subscrita em conjunto pelos presidentes das Câmaras Municipais de Arruda dos Vinhos, Cascais, Oeiras e V. Franca de Xira, autarquias cujos presidentes foram eleitos respectivamente em listas do PS, PSD, CDS e APU ■ Com destino a várias nações árabes, cerca de 4 mil combatentes do movimento palestiano «Fatah» partem de Tripoli, em cinco navios gregos com a bandeira da ONU. Yasser Arafat embarcou num «ferry-boat» para o porto de Hodeida, no Yemem do Norte.

Editorial



UM GRANDE CONGRESSO VOLTADO PARA O FUTURO

Vieram dos fundos das minas da Borralha e de Aljustrel; dos estaleiros de Viana, da Ria de Aveiro, de Alverca, das docas gigantes da Margueira e de Praias do Sado; dos altos fornos, máquinas e bancadas do grande Porto operário, de Ovar, de S. João da Madeira, da vasta mancha industrial de Lisboa e Setúbal; dos teares e tramas da Corda do Ave, de Guimarães, de Fafe, do Valongo, da Senhora da Hora, da serra da Covilhã; das cristalarias e vidraceiras da Fontela, da Marinha Grande, de Santa Iria da Azóia; das grandes redes do transporte ferroviário, rodoviário, urbano; das bateiras e traineiras de Matosinhos, de Peniche, Sesimbra, Sines, Portimão, do sotavento algarvio.

Muitos, com as suas famílias, vivem o inferno do desemprego e dos salários em atraso.

Vieram também das UCPs/Cooperativas da Reforma Agrária (e até da pequena cooperativa de produtores de Gonçalo); das courelas do Minho, da Veiga de Chaves, do vértice arraiano onde o Agueda desemboca no Douro; do Baixo Mondego, da Cova da Beira, dos vales do Tejo e do Sado, das parcelas dos seareiros de campanha das Lezírias, das pequenas explorações agrícolas (antigas fajãs açoreanas) de Vila Franca do Campo e da Ribeira Grande; das «colonias» da Madeira; das terras onde se semeia e colhe o pão, se fermenta o vinho, se extrai o azeite, se cultivam primores.

Ainda outros dos meios intelectuais e dos centros culturais e científicos de Lisboa, Coimbra, Porto.

Enfim, das fábricas, dos campos, dos escritórios, das escolas, dos sindicatos e outras colectividades, das estruturas e gestão autárquicas; de todos os rincões do nosso País de Abril onde pulsa o coração das massas populares, de toda a parte onde flui a vida, o trabalho e a luta do povo, eles e elas vieram até ao Porto, até ao Congresso do seu grande e heróico Partido de classe, trazer-lhe o contributo sem preço de uma rica experiência acumulada, de uma firme determinação revolucionária, de uma invencível confiança no Partido, na luta do povo, nos destinos do seu país.

E para continuar Abril.

No rosto o sentido da responsabilidade mas também o transbordante entusiasmo, o calor solidário, a alegria da fraternidade.

Este o quadro social e humano deste inquecível X Congresso do PCP.

Mas, para além dele, o Congresso do Porto constitui um marco na história do movimento operário português e na vida do PCP.

Antes de tudo, pelo elevado teor político e pelo timbre ideológico dos documentos e intervenções.

No próprio Congresso como nos debates que o antecederam, com o seu democratismo peculiar e exemplar.

O Partido que se fez representar no Palácio de Cristal do Porto revelou-se como um vigoroso colectivo politicamente maduro, ideologicamente coeso, solidamente vinculado às massas populares, estreitamente inserido na realidade nacional, na vida, nos problemas e aspirações do País, fortemente organizado e

articulado entre si, ciente do seu papel insubstituível nas grandes transformações sociais da actualidade.

Também consciente de falhas que é preciso colmatar e superar.

Os homens, mulheres e jovens delegados que passaram pela tribuna do Congresso não produziram intervenções apenas literária e oralmente qualificadas, mesmo quando reflectiam a singeleza do orador. Trouxeram sobretudo ao Congresso a síntese de uma experiência vivida e superiormente elaborada, por vezes notáveis teorizações sobre uma prática de mãos na massa e, de maneira geral, a resposta necessária às grandes preocupações da hora presente.

Os delegados ao X Congresso do PCP não somente trouxeram ao órgão supremo do seu Partido o quadro vivo do País real como apontaram soluções válidas e profundamente reflectidas para vencer o nosso atraso secular e para resolver os graves problemas políticos, sociais, económicos e culturais do momento português actual criados ao longo dos últimos oito anos pelos sucessivos governos de recuperação capitalista, inquinados de direita e fazendo a pior política de direita como o actual Governo Soares/Mota Pinto que levou a crise à sua expressão mais aguda e trágica.

Aqueles que obstinadamente negam ao PCP capacidade para elaborar e participar activamente numa alternativa democrática à descreditada política e ao Governo actuais deveriam ter visto e ouvido os homens e as mulheres que passaram pela tribuna do Congresso. Deveriam, com um mínimo de isenção, ler e estudar os documentos fundamentais dele emanados — que neste número do «Avante!» publicamos e vamos continuar a publicar — debruçar-se sobre o conjunto das intervenções e materiais produzidos e reflectir seriamente sobre o valor da contribuição que os comunistas portugueses estão dando ao seu povo, ao seu País e ao regime democrático para a conquista de uma vida melhor.

O Congresso despertou o interesse de todos os democratas e patriotas que partilham com os comunistas ideias fundamentais comuns para arrancar o País do atoleiro em que o atascaram os governos de recuperação capitalista, latifundista e imperialista — um ciclo inaugurado com uma falsa força institucional em 1976 com o primeiro Governo PS sozinho, que, com Mário Soares, assume de novo na fase actual a direcção do processo contra-revolucionário.

Milhares de convidados e representantes de outras formações e movimentos políticos e sociais portugueses acompanharam e viveram o exaltante Congresso do Porto, puderam verificar ao vivo o profundo democratismo e o entranhado devotamento ao povo e à democracia dos comunistas portugueses, puderam viver e partilhar a incontível alegria e entusiasmo de um Partido indispensável à construção do futuro.

Naturalmente, com a cegueira habitual, os incorrigíveis anticomunistas que diariamente falsificam a verdade histórica e a política do PCP tentaram dar do X Congresso a sua visão deformada e deformadora.

No Porto, o verdadeiro Partido marxista-le-

ninista que é o PCP comprovou a aplicação criadora dos princípios à realidade social e política portuguesa.

No Porto foi reafirmado de maneira directa e viva que para o PCP a firmeza de princípios não significa a recusa ao diálogo e que é uma estulta pretensão que para esse diálogo o PCP deva mudar de «ideologia», tornar-se acomodatório às solicitações oportunistas e de classe de gente que navega nas águas turvas da conciliação com a direita.

O X Congresso reafirmou, precisou e deu nova força às conhecidas propostas políticas do PCP correspondentes a soluções válidas e aspirações comuns com um vasto leque de forças sociais e políticas actualmente maioritárias, dispostas a empenharem-se num projecto democrático de salvação nacional.

Na verdade, o X Congresso do PCP foi a demonstração viva da pujança revolucionária dos comunistas portugueses em defesa da democracia e para continuar Abril.

A subida de mais de 30 000 militantes desde o Congresso do Barreiro há 4 anos num efectivo de mais de 200 000, o refrescamento dos seus órgãos dirigentes, são índices da crescente influência do PCP na vida nacional e uma indicação concreta da sua vitalidade.

Do seu Congresso do Porto, o PCP saiu mais determinado e apto para levar avante as suas grandes tarefas como força imprescindível da democracia portuguesa, da luta pela elevação das condições de vida dos trabalhadores e do povo, do seu combate ininterrupto pelo progresso social, a paz e a independência de Portugal.

Uma nota destacada do X Congresso do PCP foi a participação internacionalista de mais de 60 delegações estrangeiras. A tribuna do Congresso foi ponto de esclarecimento das grandes questões que preocupam o mundo, de esclarecimento responsável dos problemas da paz e do desanuiamento, de denúncia das graves ameaças que pesam sobre a Humanidade, resultantes da política aventureira do «pistoleiro» Reagan.

O X Congresso representou a consagração do papel do PCP como importante componente do movimento comunista e operário internacional, como partido aberto ao diálogo entre irmãos de classe, com uma notável influência no debate ideológico e na aproximação entre os povos.

A partir de agora vai começar outra batalha: a da aplicação das decisões unanimemente aprovadas pelo Congresso. Pôr todo o Partido a viver em torno das suas grandiosas linhas de acção é, a partir de agora, a tarefa central dos comunistas.

Fortalecer o Partido, trazer novos militantes às suas fileiras, melhorar a organização são tarefas inseparáveis de uma crescente intervenção dos comunistas na vida política nacional.

O X Congresso significou o termo vitorioso de uma batalha — será desde agora o ponto de partida para novas batalhas e novas vitórias.

Como disse Álvaro Cunhal no final dos trabalhos é uma batalha para travar e para vencer!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

revista internacional

problemas da paz e do socialismo

a venda

um mundo de informação

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soares Pereira Gomes - 1699 - Lisboa CODEX. Tel. 768345

ADMINISTRAÇÃO: Editorial Avante, SARL, Av. Santos Dumont, 57-3.º Dt.º 1000 Lisboa Tel. 769744-769751

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX Tel. 769725-769722

DISTRIBUIÇÃO: CDL Central Distribuidora Livreira, SARL, Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57 - 2.º - 1000 Lisboa Tel. 779828-779825-769751

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 - 1200 Lisboa Tel. 372238

Centro Distribuidor de Évora: Alarcova de Baixo, 13 - 7000 Évora Tel. 26381

Centro Distribuidor de Faro: Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro Tel. 24417

Delegação do Norte: Centro Distribuidor do Porto: R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto Tel. 693908-699615

Centro Distribuidor de Coimbra: Terrero da Erva, 6 - 3000 Coimbra Tel. 26394

ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º - 1000 Lisboa Tel. 766402

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 - Venda Nova 2700 Amadora Tel. 900044

PUBLICIDADE CENTRAL: Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B - 1100 Lisboa Tel. 776936-776750

Porto - Rua do Almada, 18-2.º Esq.º - 4000 Porto Tel. 381067

Composto e impresso na Heska Portuguesa - R. Elias Garcia, 27 Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205 82

Tiragem do mês de Novembro: 49 688

PCP

X Congresso - Partido Comunista Português - Porto • 15 a 18 de Dezembro • 1983



Álvaro Cunhal no comício de encerramento:

Nas últimas dezenas de anos, os povos conseguiram grandes vitórias no caminho da construção do socialismo

Rapidamente, o recinto que abrigara o X Congresso tornou-se no recinto do primeiro comício do Partido após o encerramento dos trabalhos. Às quatro da tarde de domingo, uma multidão aguardava, enchendo completamente o vasto espaço circular do Palácio de Cristal e os vários «anéis». Agora sem as separações que o Congresso propunha — delegados à frente, convidados, convidados especiais, personalidades —, a multidão ocupava tudo, bandeiras vermelhas flutuavam no ar.

Do Congresso, na grande sala, sobrava o entusiasmo com que culminaram os trabalhos. Da decoração tinha ficado o tecto multicolor, o grande pano de fundo com o lema do Congresso — **com o PCP continuar Abril** — e a grande tribuna onde tinham tomado lugar a Mesa e os convidados estrangeiros. Foi para ela que se encaminharam os membros do Comité Central eleitos havia poucas horas. À frente, o secretário-geral do Partido, os membros efectivos e suplentes da Comissão Política e do Secretariado; depois todos os outros elementos do CC, efectivos e suplentes. A presidir, o camarada Ângelo Veloso.

As mesas e as cadeiras

onde os delegados haviam tomado lugar tinham desaparecido num ápice, logo após o encerramento do Congresso. Delegados e convidados, antes mesmo de pensar no almoço, «limparam» a sala onde agora se aglomeravam a par de milhares de comunistas, amigos do Partido, populares, trabalhadores do Porto e da região. Delegados e convidados de outras partes do País distinguiram-se ainda, não já pelos cartões, mas pelos sacos que traziam na mão, muitos deles preparados para arrancar logo no final do comício para as camionetas, carros, comboios.

Se os momentos vividos ao longo dos três dias e meio do X Congresso pelos que partici-

param e assistiram aos seus trabalhos, foram inesquecíveis momentos de ardor revolucionário, de internacionalismo empenhado, momentos em que a reflexão e a combatividade andaram de par, o comício foi a primeira manifestação pública de que esse ardor, esse empenhamento, essa combatividade encontram eco nas massas de trabalhadores e de democratas.

O camarada Vidal Pinto, recentemente eleito membro suplente da Comissão Política do CC, que falou antes da intervenção do camarada Álvaro Cunhal, saudou em nome dos comunistas do Porto os convidados nacionais e estrangeiros, sublinhando a importância da realização do X Congresso na cidade.

Depois falou o camarada Álvaro Cunhal. Todos os membros do CC mantiveram-se de pé. A assistência estava de pé, a mesa do comício imitou-a.

Logo nos primeiros momentos do discurso do secretário-geral do Partido, se pôde constatar que entre as análises feitas e os sentimentos e aspirações do povo havia uma con-

sonância completa. Os aplausos fervorosos várias vezes saudaram aspectos importantes do discurso.

Durante cerca de uma hora, Álvaro Cunhal divulgou, resumindo-as, as conclusões do Congresso, começando pela análise da situação internacional.

Na verdade, se observarmos a evolução mundial — sublinhou o camarada Álvaro Cunhal — verificamos que nas últimas dezenas de anos, os trabalhadores e os povos não só reforçaram como conseguiram grandes vitórias no caminho da construção do socialismo, da conquista da independência nacional, na conquista de regimes democráticos e na defesa dos interesses fundamentais dos trabalhadores e dos povos do mundo. São vitórias históricas que a agressividade do imperialismo não pode esconder. E respondendo à propaganda intensa que se faz para mostrar o contrário, nós devemos ter confiança que, assim como nas últimas dezenas de anos a evo-

lução mundial foi a favor das forças da libertação da humanidade da exploração e da opressão, também nos anos que nos esperam continuará o avanço da luta libertadora dos trabalhadores e dos povos em todo o mundo.

E mais adiante, referindo-se à luta pela paz e ao combate à agressividade imperialista, afirmou o secretário-geral do PCP:

Lendo certa imprensa no nosso país, sobretudo certa imprensa que procura afirmar-se independente e neutral, dir-se-ia que a responsabilidade do agravamento da situação internacional está no fim de contas nas duas «superpotências». Que a responsabilidade temos que dividir ao meio — quando muito, vá lá, quatro quintos para um lado, um quinto para o outro, — mas que a responsabilidade seria fundamentalmente dos Estados Unidos e da União Soviética. Pelo nosso lado, nós queremos declarar, com toda a nitidez, que pensamos que não se podem meter no mesmo saco um país que defende a

paz, que é solidário com a luta de libertação dos povos e que dá uma contribuição efectiva para a defesa da paz mundial, e o imperialismo, um Estado agressivo, um Estado que leva a cabo agressões, acções militares para esmagar a luta libertadora dos povos e que procura também pôr em causa as conquistas já alcançadas nos próprios países socialistas.

O prolongado aplauso que sublinhou estas palavras, por parte da imensa assistência, demonstrou a coincidência entre o que pensam os comunistas e amplas massas de trabalhadores e de democratas. Assim como o demonstrou o aplauso que saudou por várias vezes as passagens do discurso referindo-se à situação política nacional.

A luta pela Paz em Portugal, disse Álvaro Cunhal, desenvolve-se em duas direcções fundamentais. Uma é a luta por esses objectivos gerais que são comuns aos povos da Europa — contra a instalação dos mísseis, pelo

desarmamento, pelo desanuviamento e outras reivindicações, outros objectivos que são, para nós portugueses, válidos, que são válidos para o povo francês ou o povo inglês, ou o povo alemão, os povos da Europa. Mas há também uma outra forma de lutar pela Paz em Portugal, uma outra direcção da nossa luta pela Paz, e essa direcção é a luta contra um Governo que capitula perante o imperialismo, que se tornou serventário do imperialismo norte-americano e que está disposto a ceder facilidades aos americanos para a sua política agressiva.

Lutando contra o Governo do PS/PSD, pela sua demissão, por uma alternativa democrática, por um governo democrático com uma política democrática e com uma política externa de paz e de amizade com todos os povos, nós damos também uma contribuição, e séria contribuição, para a defesa da paz.

O secretário-geral do PCP passou depois à análise da situação política portuguesa, baseada nas conclusões do Con-

gresso, sublinhando particularmente o agravamento da situação social por parte de um Governo cuja política visa exclusivamente beneficiar os grandes capitalistas e latifundiários, os senhorios ricos e os grandes especuladores. O nosso povo — afirmou porém Álvaro Cunhal — tem forças bastantes para derrotar a contra-revolução.

A análise da crise, a luta do povo em defesa da revolução, a fragilidade da actual coligação, o quadro partidário onde existe espaço político para novos partidos que podem atrair os que não se reconhecendo já no PS de Mário Soares não se reconhecem entretanto no PCP, a perspectiva e a necessidade de uma alternativa democrática, foram outros dos pontos abordados pelo dirigente comunista.

Finalmente, Álvaro Cunhal, falando sobre o reforço do Partido, terminou:

Com o CPP continuar Abril foi a consigna do nosso Congresso e faremos tudo para estarmos à altura dessa consigna.



PCP

X Congresso - Partido Comunista Português - Porto • 15 a 18 de Dezembro • 1983



Dois mil é muita gente

Duas mil pessoas é muita gente. Quando devidamente «arrumadas» parecem simultaneamente **mais** ou **menos**, mais porque ocupam superfícies maiores que os ajuntamentos desordenados, menos pela facilidade com que se circula entre elas. De qualquer modo é sempre muita gente.

Agora imaginemos toda essa gente a cumprir uma determinada tarefa ou ocupada na mesma função — como congressistas, por exemplo. Olhá-las, então, oferece o singular espectáculo de uma colmeia gigantesca onde o trabalho é em si uma linha contínua de vultos e vontades a entretecer no tempo e nos tempos das mesas o próprio corpo do congresso. Neste caso o X Congresso do PCP no Palácio de Cristal do Porto. Olhá-los é descobrir como o número não consegue apesar de tudo definir a quantidade com exactidão. Mesmo sabendo que duas mil pessoas é muita gente.

Além disso viajar entre estes dois mil congressistas era percorrer um pouco o País: do Minho ao Algarve cruzando todo o território continental pelas zonas que o constroem, indo aos arquipélagos dos Açores e Madeira e um pouco a todo o vasto mundo do esforço emigrante. Homens e mulheres de todo nacional, em representação de milhares de organizações do Partido e dezenas de milhares de comunistas — homens e mulheres que em número de

dois mil marcavam a presença no Palácio de Cristal não apenas da mais poderosa organização política do nosso País, mas da vontade final dessa grandiosa força que antes reunira, discutira, propusera, alterara, sintetizara e finalmente levava para o Porto os resultados do grande debate das Teses, que o Congresso aprovava no que foi sem dúvida um dos mais importantes acontecimentos políticos nacionais deste ano.

O território dos delegados — ocupando quase três quartos do vasto círculo da pista do Palácio frente à tribuna do Congresso — revolia-se às 10 horas de quinta-feira com um manso ondular de gente, um crepitar de vozes e um «tudo a postos» vestido de gestos precisos. Tudo se aquietava numa irreprimível emoção quando a voz anunciou: «Camaradas, declaramos abertos os trabalhos do X Congresso do Partido Comunista Português». «A Internacional!», o hino do Partido, levantaria todos num coro a um tempo solene e comovido. Depois foram as diversas sessões dos trabalhos.

Lista das intervenções

1.ª Sessão — Quinta-feira, 15/XII — manhã

Ângelo Veloso, membro suplente da Comissão Política do Comité Central.
Alvaro Cunhal, Secretário-Geral do Partido Comunista Português.
José Fernandes, operário químico, membro do Executivo do Secretariado da célula da Quimigal (Barreiro).
Maria Luisa Salsinha, operária agrícola, membro do Plenário da Direcção da Organização Regional do Alentejo.
António Eduardo Gonçalves, membro do Secretariado do Concelho de Loures.
Vasco Paiva, membro do Comité Central, fala sobre os problemas do campesinato.

2.ª sessão — quinta-feira, 15/XII — tarde

Emídio Ribeiro, membro do Secretariado da Direcção da Organização Regional do Porto, apresenta o relatório sobre a respectiva organização.
Augusto Carvalho, operário têxtil, membro do Secretariado da célula da «Sampaio & Ferreira» (Riba d'Ave).
Graça Melo, engenheira e investigadora científica, membro da célula dos Investigadores Científicos e Quadros Técnicos da Organização Regional de Lisboa.
José Marques, pescador, membro do Executivo da Comissão Concelhia de Olhão.
José Rodrigues Antunes, membro do Secretariado da Direcção da Organização Regional do Minho, apresenta o relatório sobre a respectiva organização.
Manuel Sampaio, empregado bancário, membro da Comissão Concelhia de Vila Real.
Sérgio Vilarigues, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central, sobre quadros.
Matilde Ramalho, jornalista, membro da célula da Anop (Lisboa).
Alexandre Balas, ferroviário, membro do Secretariado da célula da CP (Entroncamento).
Modesto Navarro, escritor, membro do Organismo de Direcção de Artes e Letras da Organização Regional de Lisboa.
Fernando Blanqui Teixeira, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central, sobre a organização.
Breslina Ribeiro, operária química, membro da célula da CIFA (Valongo).

Mikail Gorbachev, membro do Bureau Político e Secretariado do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, saudação ao Congresso.
António Orcinha, membro suplente do Comité Central e do Secretariado da Direcção da Organização Regional de Lisboa, apresenta relatório sobre a respectiva organização.
Ramiro da Cunha Reis, operário, têxtil, membro da Comissão Concelhia da Covilhã.
Joaquim Caetano Totes, membro do Secretariado da Direcção da Organização Regional de Leiria, apresenta relatório sobre a respectiva organização.
Aurílio Santos, membro do Comité Central, sobre a informação e propaganda.
Arménio Carlos, electricista, membro do Secretariado da célula da Carris e do Organismo de Direcção do Sector dos Transportes da Organização Regional de Lisboa.
Emília Lidia, trabalhadora de refeitório, membro da célula da Lisnave e da Comissão Concelhia de Almada.
Diamantino Silva, serralheiro civil, membro do Secretariado da célula das Minas de Aljustrel e da Comissão Concelhia de Aljustrel.
Jorge Araújo, membro do Secretariado do Comité Central, sobre luta ideológica.
Herman Axen, membro do Bureau Político e Secretariado do Comité Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha, saudação ao Congresso.
Ruth Neto, Secretária-Geral da Organização das Mulheres Angolanas e membro do Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho, saudação ao Congresso.
Hernan Estrada, chefe da secção da Europa do Departamento das Relações Internacionais da Frente Sandinista de Libertação Nacional, da Nicarágua, saudação ao Congresso.

3.ª sessão — sexta-feira, 16/XII — manhã

António Santo, membro do Comité Central e do Secretariado da Direcção da Organização Regional da Beira Litoral, apresenta relatório sobre a respectiva organização.
Armando Ferreira, membro do Organismo interconcelhos da Região do Porto.
Manuel Freitas, membro do organismo para o trabalho sindical da Organização Regional do Porto.
Ana Paula Henriques, membro do Secretariado da Direcção da Organização da Região Autónoma da Madeira, apresenta relatório sobre a respectiva organização.
Joaquim Judas, membro da Comissão para o Trabalho entre a Emigração, apresenta relatório em nome dessa comissão.
Maria Helena Serra, médica, membro do Organismo de Direcção da Saúde do Sector Intelectual de Coimbra.
Rogério Mendonça, electricista, membro da célula da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense (Almada).
Joaquim Gomes, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central, sobre aspectos financeiros do Partido.
Abel Silva, tipógrafo, membro do Executivo da Comissão da Ilha Terceira (Açores).
Manuel Curvacho, agricultor, membro da célula dos pequenos e médios agricultores da Organização Concelhia de Alparça.
Dimitri Stanichev, membro do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro, saudação ao Congresso.
Aurélio Manave, Primeiro-Secretário da Província de Gaza e membro do Comité Central do Partido FRELIMO, saudação ao Congresso.
Polednik Indrik, secretário do Comité Central do Partido Comunista da Checoslováquia, saudação ao Congresso.
Manuel Sobral, membro do Comité Central e do Secretariado da Direcção da Organização Regional de Setúbal, apresenta relatório sobre a respectiva organização.
Maurílio de Sousa, inspector do ensino primário, membro da Comissão Distrital de Viana do Castelo.

Vitor Dias, membro suplente do Comité Central, intervém em nome da Comissão de Redacção.

Fernanda Gaspar, monitora de alfabetização, membro da célula dos eleitos comunistas da Câmara Municipal da Moita.
António Dias Lourenço, membro da Comissão Política do Comité Central, apresenta relatório da Comissão de Verificação de Mandatos.

Luis Carvalho, delegação de informação médica, membro do Organismo de Direcção do Sector Intelectual da Organização Regional do Porto.

Domingos Abrantes, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central, sobre as lutas da classe operária.

Miklós Ovari, membro do Bureau Político e Secretário do Comité Central do Partido Operário Socialista Húngaro, saudação ao Congresso.

Karim Mrone, membro do Bureau Político do Partido Comunista Libanês, saudação ao Congresso.

4.ª sessão — sexta-feira, 16/XII — tarde

Bernardina Sebastião, membro do Executivo da Direcção da Organização Regional do Alentejo, apresenta intervenção sobre a respectiva organização.

Mário Aguiar, técnico de contas, membro do Plenário da Direcção da Organização da Região Autónoma da Madeira.
Gorjão Duarte, membro suplente do Comité Central, sobre os pequenos e médios comerciantes e industriais.

Mário Ferreira Galvão, agricultor, membro da Comissão Concelhia de Montemor-o-Velho.

Domingos Lopes, membro da secção internacional do Partido, fala sobre a luta pela Paz.

Rosária Antunes, membro do Executivo da Comissão Concelhia de Vila Franca de Xira.

Carlos Brito, membro da Comissão Política do Comité Central, sobre a actividade do Grupo Parlamentar.

Raul Figueiredo, engenheiro químico, membro do Executivo do Secretariado da célula da Setenave (Setúbal).

Albano Nunes, membro do Comité Central, sobre a actividade internacional do Partido.

Fawaz Sayygh, membro suplente da Direcção Nacional do Partido Baas Árabe Socialista da Síria, saudação ao Congresso.

Youssef Faissal, membro do Bureau Político e Secretário Geral Adjunto do Partido Comunista da Síria, saudação ao Congresso.

António Perez Herrero, membro suplente do Bureau Político e do Secretariado do Partido Comunista de Cuba, saudação ao Congresso.

Carlos Luís Figueira, membro do Comité Central e do Secretariado da Direcção da Organização Regional do Algarve, apresenta intervenção sobre a respectiva organização.

João Manuel Pereira, operário vidreiro, membro do Secretariado da célula da CIVE e da Comissão Concelhia da Marinha Grande.

Maria Rosa Rabiais, membro do Comité Central, sobre os problemas sindicais.

José Gascão Nunes, membro da Comissão Distrital de Castelo Branco e do Secretariado da Direcção da Organização Regional da Beira Interior.

Hipólito Santos, membro suplente do Comité Central e do Executivo da Direcção da Organização Regional de Lisboa.

Carlos Carvalhas, membro suplente do Comité Central, sobre a crise económica e a sua superação.

Fernando da Cruz, economista, membro do organismo regional das autarquias da Comissão Concelhia de Montemor-o-Novo.

Rafael Rodrigues, operário reformado, membro da Comissão de Freguesia de Pinhal Novo (Palmela), sobre os reformados.

João Pinheiro, membro da Comissão Distrital de Portalegre e do Executivo da Direcção da Organização Regional do Alentejo.

Luis Machado, empregado, membro do organismo para o trabalho entre os deficientes da Direcção, da Organização Regional do Porto, sobre os deficientes.

Awgichew Kefyalew, membro do Comité Central da Comissão para a Organização do Partido dos Trabalhadores da Etiópia, saudação ao Congresso.

Shihlepo, membro do Comité Central da SWAPO (Namíbia), saudação ao Congresso.

António Abatielos, membro do Bureau Político do Partido Comunista da Grécia, saudação ao Congresso.

Nicandro Barreto, Procurador Geral da República e membro do Comité Central do PAIGC, saudação ao Congresso.

5.ª sessão — sábado, 17/XII — manhã

Armando Rodrigues, membro do Executivo da Direcção da Organização Regional de Santarém, apresenta relatório sobre a respectiva organização.

Manuel Andrade, engenheiro, membro da Comissão para o Trabalho das Autarquias da Direcção da Organização Regional do Porto.

Henrique Neves, membro do Comité Central e da Comissão Executiva da Comissão Central da Juventude Comunista Portuguesa, sobre os problemas da juventude.

Carlos Vicente, emigrante na República Federal Alemã.

Alfredo Batista, engenheiro técnico, membro da Comissão Concelhia de Braga.

Carlos Abolm Inglês, membro do Comité Central, sobre os problemas dos quadros técnicos e intelectuais.

Alfredo Barroso, membro da célula das Minas da Borralha (Montalegre).

Joaquim Pedro Silva, membro do Conselho Nacional e do Secretariado do PAICV, saudação ao Congresso.

Philippe Herzog, membro do Bureau Político do Partido Comunista francês, saudação ao Congresso.

Josef Czyrek, membro do Bureau Político e Secretário do Comité Central do Partido Operário Unificado Polaco, saudação ao Congresso.

Pamdavanguyn Damdin, Secretário do Comité Central do Partido Popular Revolucionário Mongol, saudação ao Congresso.

Ion Coman, membro do Comité Político Executivo e secretário do Comité Central do Partido Comunista Romeno, saudação ao Congresso.

Hoongf Ha, membro suplente do Comité Central do Partido Comunista do Vietname, saudação ao Congresso.

José Decq Mota, membro suplente do Comité Central e do Secretariado da Direcção da Organização da Região Autónoma dos Açores, apresenta relatório sobre a respectiva organização.

Isabel Pacheco, operadora de informática, membro do Executivo da Comissão Concelhia da Amadora.

Carlos Costa, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central, sobre o Partido e o Poder Local.

Zara Said Amir, membro do Comité Central do Partido Democrático Popular do Afeganistão, saudação ao Congresso.

Hamdiya Pozdorar, membro da Presidência da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, saudação ao Congresso.

Hwang Zang Yop, secretário do Comité Central do Partido do Trabalho da Coreia, saudação ao Congresso.

Piero Fassino, secretário da Federação de Torino e membro da Direcção do Partido Comunista Italiano, saudação ao Congresso.

Hermann Gautier, Vice-presidente do Partido Comunista Alemão, saudação ao Congresso.

Abdel-Latif Abu Hijla (Abu Jafar), Director-Geral do Departamento Político da Organização de Libertação da Palestina — OLP, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Abdel-Latif Abu Hijla (Abu Jafar), Director-Geral do Departamento Político da Organização de Libertação da Palestina — OLP, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Depoimentos de três delegados

De uma intensa actividade resultou um Congresso

Palácio de Cristal, domingo de manhã, dia 18. Aproximam-se os últimos momentos do Congresso. Os delegados começam a regressar à sala, após breve intervalo aproveitado para um café bem quente. De volta para os respectivos lugares, são muitos os camaradas que trazem a edição especial do «Avante!», recebida com vivo interesse pelos participantes no Congresso.

Depois, enquanto os trabalhos não recomencem, é tempo para uma leitura interessada. Quem ainda não tem o jornal dá uma corrida para o adquirir lá fora. Formam-se pequenas «bichas». Nas mãos, as notas de vinte (e há quem recorde: «ó, camaradas, temos aqui o semanário mais barato que se publica em Portugal!»).

No último dia do Congresso, o «Avante!» entra assim no Palácio de Cristal. Doze páginas, numa apresentação gráfica que incluiu a utilização da cor, um conjunto de artigos de reportagem, a intervenção do camarada Alvaro Cunhal na sessão de abertura, gráficos diversos, fotos de várias dimensões.

Tudo isso observado atentamente por muitos delegados. Fomos ao seu encontro. Interrompemos por momentos a leitura do «Avante!». Pedimos opiniões sobre o Congresso (preparação e realização) e sobre o nosso jornal.

Da vasta recolha de opiniões, e uma vez que não podemos, como se compreende, dar espaço a todas, seleccionámos três breves depoimentos de camaradas delegados. Tendo o traço comum do entusiasmo, da alegria e do orgulho pela participação na gigantesca assembleia dos comunistas portugueses, os curtos mas expressivos depoimentos que se seguem falam-nos de situações diferentes e reflectem realidades distintas.

Laurinda Bacalhau 26 anos, Aveiro:

«Embora já tenha participado em várias iniciativas do Partido de âmbito nacional, como as conferências, estou impressionada com a determinação revelada nestes quatro dias do Congresso. Uma determinação que é sinónimo de luta em defesa do Portugal democrático, em defesa dos direitos dos trabalhadores. Uma determinação bem vinculada nas comunicações apresentadas por camaradas de todo o país, de Norte a Sul, dos Açores à Madeira. Outro aspecto que me impressionou imenso foi a solidariedade e o prestígio com que o Partido conta no movimento comunista internacional, como se constatou nas intervenções das delegações estrangeiras.

«Com este Congresso, o

PCP vai dar mais um passo em frente. Todo o Partido está mais forte a partir de agora. E, hoje, último dia do Congresso, é já altura de pensarmos no concreto as formas de intervenção, de acção, mobilização e esclarecimento para levarmos à prática as decisões aqui tomadas.

«No distrito de Aveiro, e especificamente no concelho de Vale de Cambra — situação que conheço melhor — a preparação do Congresso decorreu com vivo empenho dos militantes comunistas e houve boa participação nas reuniões e debates. Ainda há pouco, quando falava da determinação visível neste Congresso, lembrei-me dum caso ocorrido em Macieira de Cambra, onde a determinação foi também aspecto saliente. Ai, em 3 de Dezembro, foi recusada sala para a realização duma reunião preparatória deste Congresso, num atentado flagrante à legalidade democrática. As instalações da Casa do Povo de Macieira de Cambra não foram cedidas. Mesmo assim, e apesar do frio que se fazia nessa noite, a reunião acabou por realizar-se cá fora, ao relento. A má vontade, o sectarismo e o ódio à democracia não tiveram força suficiente para impedir a iniciativa de apoio ao nosso Congresso. E a tal determinação de que tenho falado...

Manuel Jesuíno Jerónimo 26 anos, Setúbal:

«Até dá vontade de dizer sementes e agora colhem os frutos. Por outras palavras: duma intensa e dinâmica actividade preparatória, realizada ao longo de várias semanas, resultou um Congresso com êxito.

«Na cidade de Setúbal, a exemplo do que aconteceu em todo o distrito, o X Congresso foi devidamente preparado pelas organizações do Partido,

X CONGRESSO
PARTIDO
COMUNISTA
PORTUGUÊS
PORTO - 15 a 18 de DEZEMBRO - 1983
COM O PCP
CONTINUAR
ABRIL

«As tarefas difíceis são para os comunistas»...

gente

Se a aridez que significam horas a fio de discursos é na verdade a grande ameaça de qualquer encontro, não o é menos que a terapêutica a tal ameaça está na importância das orações e no nível de expectativa dos ouvintes. O X Congresso do PCP provou-o abundantemente. Delegados e convidados — estes às centenas em cada sessão — participariam sem desfalecimentos de atenção em tudo o que se produziu na tribuna. Não houve uma única, das largas dezenas de intervenções, que passasse despercebida ou não recebesse, individualmente, o impacto das impressões dos ouvintes. Quer se tratasse de questões de organização, se falasse de Reforma Agrária ou de sindicalismo, se comentasse a política governamental ou se discutisse a urgência da paz.

Os delegados, é claro, foram o grande motor que alimentou a vivacidade do Congresso. Muitos falaram e todos ouviram nos discursos, dando-lhes o público necessário e a atenção merecida. O silêncio atento, o aplauso clamoroso, o cumprimento simpático, a publicidade do riso foram companheiros da generalidade dos oradores que, da tribuna, iam falando ao Congresso.

Depois nos intervalos das sessões era o desarrumar bulhoso desta multidão. Conheci-

dos ou não uns dos outros, os delegados formavam, desfaziavam e tornavam a formar grupos que alastravam pelos recintos e jardins do Palácio como cardume em expansão. Gargalhava-se com gosto, discutia-se ainda, passeava-se simplesmente. A «bica» era ponto de encontro obrigatório, uma aberta nos temporais que acompanharam todo o Congresso, um convite irrecusável ao passeio ao ar livre. E faziam-se compras nos diversos stands que a organização pôs à disposição dos presentes no Palácio de Cristal. E trocavam-se informações, moradas, apontamentos, simpatia.

Havia delegados de todo o País — entrevistá-los seria ouvir de uma vez as impressões dos trabalhadores portugueses o que, sendo uma oportunidade única, sofria de evidente inexistibilidade jornalística. Optou-se pelo possível — a observação global dos seus movimentos como colectivo, a interpretação objectiva das suas reacções como grupo de intervenção, a fruição do espectáculo que era ver duas mil pessoas a construir um momento histórico.

Um ou outro depoimento recolhidos no acoso do Pavilhão servirão tão só para ilustrar o que foi o contacto com tal multidão.

Um ápice! Quando se desvaneciam ainda no ar os ecos dos últimos aplausos que sublinharam o encerrar dos trabalhos do Congresso, um apelo foi lançado aos delegados, para que se procedesse ao desarmar das mesas e cadeiras. Foi pôr de lado a pasta com os documentos, os cadernos de apontamentos, os sacos, a gardina e o sobretudo e vai daí, em poucos minutos, a vastíssima sala do Congresso transformou-se em praça de comício. Cadeiras foram empilhadas e levadas para fora, mesas desarmadas. O transporte começou. Quem tivesse saído durante breves minutos, ao voltar não reconheceria a sala.

Mas havia ainda muito mais a fazer. O tecto multicolor, o lustre das luzes, a instalação sonora, a grande tribuna que durante o comício acolheu os membros do Comité Central e dos seus organismos executivos recentemente eleitos, os painéis de fundo e o grande painel com o lema do X Congress-

so, salas e divisórias onde funcionava variados serviços de apoio, com mobiliário respectivo, máquinas, um nunca acabar de painéis laboriosamente preparados para funcionar durante quatro dias tinham agora de desaparecer.

No dia seguinte, à meia-noite (como se se pudesse utilizar um sopro mágico), tudo tinha de estar como dantes. Durante o comício, o camarada Ângelo Veloso manifestou a preocupação que havia em proceder à desimplantação em tão pouco tempo.

Pela frente havia apenas 36 horas, muitos camaradas estavam cansados não apenas de quatro dias de trabalho mas de muitos mais dias que haviam gasto na construção de um local digno do Congresso. «Não vai ser nada fácil», disse o camarada. Apelou calorosamente à ajuda dos militantes.

Para entregar o pavilhão à meia-noite do dia seguinte era ainda necessário muito trabalho. «Mas as tarefas difíceis

são para os comunistas e nós somos comunistas»...

Um ápice! À meia-noite desse mesmo dia, o grande lustre já tinha sido descido — uma operação complexa e difícil —, já seguia a primeira camioneta de material para Lisboa em direcção ao armazém central.

Os estrados que cobriam larga parte do recinto tinham sido levantados e arrumados; grande parte da carpintaria da vasta tribuna fora desmontada; os painéis à volta do recinto tinham sido retirados — em poucas horas, camaradas que na sua maioria já haviam dado um contributo esforçado na implantação, davam novo esforço para que o Partido pudesse cumprir o compromisso assumido.

Muitos desses camaradas que, num ápice, restituíram a face de cimento e vidro ao Palácio que albergara o Congresso, estavam quase arrasados de trabalho. Mas não deixaram de corresponder ao apelo. Porque as tarefas difíceis são para os comunistas...



Primeiro o apelo aos delegados: era necessário desarmar rapidamente mesas e cadeiras, para, à tarde, dar lugar ao grande comício de encerramento. Depois, numa coisa de rápidos minutos, era assim: o trabalho estava concluído. Quem tivesse saído na ocasião, de volta não reconheceria a sala gigante. Tudo num ápice!

Recepção de delegados Um prodígio à moda do Porto

Arranjar instalações para quase duas mil pessoas durante os quatro dias do Congresso no Porto é obra! Mas arranjá-las utilizando exclusivamente a hospitalidade dos comunistas da zona do Porto, garantir os transportes para e do Palácio de Cristal, organizar o «encaminhamento» de tanta gente (desconhecidora da cidade) e ainda por cima conquistar os aplausos unânimes da generalidade dos «utentes», é prodígio que merece relevo!

Tudo aconteceu como nos filmes — garantia um camarada da DORA, aboletado em Cedofeita — estás a ver aquelas fitas sobre grandes evacuações de cidades? Pois aqui não se evacuava a cidade, enchia-se a cidade com o pessoal que ia partindo daqui, direitinho à casa do amigo que o recebia, sem demoras nem atropelamentos!

Como nos filmes. Até com um pequeno pandemónio inicial, fruto da excitação e falta de «oleamento», o que em breve daria lugar a uma eficácia sem engarrafamentos, exceptuando os da cidade propriamente dita. Ia-se e vinha-se sem problemas, atrasos ou transtornos, como se tudo de repente vivesse no Porto com o à-vontade de muitos anos. E aqui surge o primeiro encómio aos camaradas do Porto que se encarregaram de pôr os visitantes a pau com a geografia da cidade, ou pelo menos com os «corredores» necessários caso a caso.

Mas a coisa requintou muito para além da eficácia. Por todo o lado se ouvia elogios à simpatia da recepção, à cordialidade dos encontros com os «hospedeiros», à disponibilidade e atenções destes.

Houve quem tivesse o cuidado de adquirir bilhetes pré-comprados para oferecer aos respectivos hóspedes, quem neles pegasse para lhes mostrar alguns pontos da cidade, quem, na emergência de acolher ainda mais gente do que o previsto, saísse de casa para a

entregar, inteirinha, aos visitantes. Quem — requinte dos requintes! — cuidasse de colocar botijas de água quente para os hóspedes não habituados ao frio do Norte, ou providenciasse para que os pequenos almoços não faltassem!

Mas que gente esta! — ouvia-se com frequência — deram-nos as chaves, explicaram onde estavam as coisas, insistiram em que as utilizássemos, vigiavam para verificar que os fazíamos, e depois deixavam-nos a casa à vontade!

Que gente esta. Comunistas, pois — e enxertados na tradicional hospitalidade nortenha. A receber uma multidão de desconhecidos com a franqueza das amizades velhas e a disponibilidade que a generosidade tem. Marcaram pontos em todo o País, os camaradas e amigos do Porto.

É necessário relevar igualmente os aspectos organizativos da recepção, instalação e acompanhamentos dos visitantes. Só a mobilização das vontades (e casas!) constituiu tarefa obviamente vasta, a que se juntaria a organização dos centros de recepção centralizados nos Centros de Trabalho do Partido, as brigadas de recepção e acompanhamento aos camaradas vindos de fora. Uma tarefa complexa a que só de facto um Partido como o PCP se poderia abalarçar neste país. Os resultados, esses seriam não apenas satisfatórios mas frequentemente espectaculares.

Álvaro Cunhal com delegações estrangeiras

Nos dias 13, 14, 15, 16, 17 e 18 deste mês, o camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, teve encontros com delegações dos seguintes partidos presentes no X Congresso do Partido Comunista Português:

Partido Comunista Brasileiro, Partido Democrático Popular do Afeganistão, Partido Comunista Romano, Partido Comunista da Checoslováquia, Partido Comunista Búlgaro, Partido Comunista da União Soviética, Partido Socialista Unificado da Alemanha, Frente Sandinista de Libertação Nacional (Nicarágua), Partido Operário Unificado Polaco, Partido Operário Socialista Húngaro, Partido do Trabalho da Coreia, Partido Comunista de Cuba, MPLA-Partido do Trabalho, Partido Fretilim, Liga dos Comunistas da Jugoslávia, Partido Popular Revolucionário Mongol, Partido Comunista Francês, Comissão para a Organização do Partido dos Trabalhadores da Etiópia (COPTÉ) Partido Baas da Síria, Partido Socialista Iemenita, Partido Comunista Italiano, Partido Comunista do Vietname, Partido Comunista Libanês, Partido Congolês do Trabalho, Partido Comunista Sírio, Partido Comunista Sul-Africano.

Nos encontros realizados foi reafirmada a vontade comum de reforçar as relações de amizade e solidariedade existentes entre o PCP e os Partidos e Organizações respectivas.

Delegados atividade preparatória, reço com êxito

atingindo-se uma discussão muito viva das Teses apresentadas pelo Comité Central, que foram enriquecidas pelas numerosas propostas dos militantes.

«Por exemplo: na maior freguesia da cidade de Setúbal, a freguesia de S. Sebastião, a que pertencem, a organização do Partido realizou uma assembleia (noticiada no «Avante!») em que foram eleitos os delegados ao Congresso, na base de um delegado por cem militantes, assembleia que se integrou no conjunto de iniciativas realizadas para debate preparatório do Congresso.

«Nos trabalhos que têm decorrido, aqui no Palácio de Cristal, para além, naturalmente, das comunicações apresentadas, da excelente apresentação da sala e do apoio prestado aos delegados, há um aspecto que «automaticamente» toca a sensibilidade de qualquer pessoa: o clima de fraternidade e coesão, e o seu natural reflexo nas votações.

«Outro tema deste Congresso — o internacionalismo proletário e a solidariedade internacional — dá a esta bela assembleia a verdadeira dimensão dos sentimentos que animam as forças do progresso social em todo o Mundo, destacando-se a profunda consciência quanto aos perigos da guerra e destruição da Humanidade.»

José Francisco Cheira
40 anos, Beja:

«Este Congresso é, em primeiro lugar, uma demonstração de pujança e de combatividade do Partido. Só uma organização como a do PCP tem

capacidade e dinamismo para erguer uma iniciativa destas.

«Sobre a discussão realizada, não há dúvida que temos aqui a síntese precisa do pensamento, das opiniões e da vontade expressas durante as actividades preparatórias que antecederam o Congresso, em especial durante o intenso trabalho realizado em torno das Teses».

«No caso de Beja, aproveitei para informar, realizaram-se a nível do distrito cerca de 120 reuniões e plenários com a participação directa de 3500 membros do Partido. Através da documentação divulgada e dessas reuniões, foi contactada 90 por cento da organização na fase preparatória do Congresso.

«Sobre a realização do X Congresso, quero destacar a profunda ligação das intervenções à realidade e aos problemas concretos que se vivem, quer no plano político, económico, social e cultural, quer no plano das tarefas partidárias. E também a óptima organização e acolhimento dispensado a todos os delegados pelos camaradas do Porto.

«Quanto ao «Avante!», pois foi com enorme satisfação que o comprei aqui no Palácio de Cristal, há poucos minutos.

«É uma presença obrigatória nesta assembleia. A oportunidade informativa desta edição, o facto de ter cor, o seu conteúdo, os gráficos coloridos sobre o crescimento do Partido e a composição social dos militantes e também sobre a participação no Congresso são motivos de sobra para uma observação atenta deste número especial. Pelo que já vi, constitui um «primeiro filme» do Congresso».



«Avante!», edição especial sobre o Congresso — uma presença acolhida com grande entusiasmo no domingo de manhã, no Palácio de Cristal



Pioneiros

Particularmente emocionante foi a entrada dos Pioneiros de Portugal na tribuna do Congresso, já na ponta final dos trabalhos. Vestidos a preceito, empunhando flores com predominância de cravos vermelhos, agitando panos multicolores e surgindo como por encanto na zona da tribuna, povoariam os estrados do Congresso com uma explosão de vida e de por.

Se o entusiasmo que vibrava no Palácio era já em si um espectáculo de vitalidade e alegria, com o aparecimento dos Pioneiros libertar-se-ia uma espécie de exaltação mágica percorrida de emoção. Seriam homenageados, os jovens Pioneiros, com a talvez mais quente e prolongada ovação de todo o Congresso. Aplausos e cor em

movimento habitariam por completo, durante alguns minutos, o Palácio de Cristal, sincronizando um dos momentos mais belos e exaltantes ali vividos. Os cravos e as flores foram passando para as mãos de todos os que se encontravam na tribuna, os panos multicolores, agitados sem cessar, prolongavam a oferta a todos os presentes.

Enquanto isto uma voz juvenil enviava, cristalina, a mensagem dos Pioneiros ao Congresso: falando de Paz, saudando a Vida, reivindicando a Felicidade, propondo o entendimento entre os Homens, recusando a guerra e sublinhando que ali, no Congresso, as crianças tinham o seu lugar, e o assumiam por inteiro e direito próprio.

PCP

Oito comícios de solidariedade e uma nota comum: a Paz

As saudações e mensagens internacionalistas que os convidados e delegações estrangeiras trouxeram ao X Congresso não ficaram confinadas ao que foi lido na tribuna, no interior do Palácio de Cristal. Nas noites de sexta-feira e de sábado, cerca de três dezenas de delegações levaram as suas palavras de paz e de amizade por várias terras do norte do País. De Viana do Castelo a Coimbra, de Freamunde à Póvoa do Varzim, de Braga a Espinho, de Ovar a Rio Tinto, os camaradas estrangeiros, acompanhados por dirigentes do PCP, tiveram oportunidade de, frente a militantes comunistas portugueses e amigos do Partido, a democratas, fazer os seus discursos de saudação ao Congresso.

Apesar do mau tempo que caracterizou ambas as noites, as salas de pequenas colectividades ou grandes salões encontraram uma assistência atenta, calorosa e fraternal, sublinhando com aplausos as lutas de partidos irmãos, de outros povos. Discursos ditos em línguas estranhas ou mais conhecidas, traduzidas pelos intérpretes que acompanharam as delegações, foram acolhidos com vivo interesse. O ambiente de internacionalismo proletário, de solidariedade, de amizade, transbordou, pois, do Palácio de Cristal.

Em Viana do Castelo, o comício teve lugar no Teatro Sã da Bandeira, tendo assistido uma centena de pessoas aos discursos da delegação do PC de Espanha, representada pelo camarada Francisco Herrera, do CC do PCE; de Fretilim, por

Roque Rodrigues, membro da Direcção Política e embaixador na República Popular de Angola; de Ali Hassan Salih, do CC do Partido Comunista Jordano e representante do PCJ na «Revista Internacional»; de Said Amir Zarra, do CC do Partido Popular Democrático do Afeganistão. No final, e antes de um convívio, os Pioneiros ofereceram cravos aos membros das delegações. A intervenção final foi proferida pela camarada Branca de Carvalho, suplente do Comité Central do PCP.

Em Coimbra, o comício teve lugar no Centro de Recreio Popular Norton de Matos. Falaram os camaradas Mussa, do CC do PC Iraquiano e representante do PCI na Revista Internacional; Sharma, do Bureau Político do PC da Grã-Bretanha; Anuska Weil, do

Comité Central do Partido Suíço dos Trabalhadores, e Marius Aguilhada Carranza, do Bureau Político do Partido Comunista de El Salvador. As delegações estrangeiras eram acompanhadas pelos membros do CC do PCP António Santo e Sofia Ferreira e pelos membros da Comissão Concelhia de Coimbra, Alberto Vilaça e Anita Vilar. Foi esta camarada que proferiu a intervenção final. As delegações foram oferecidas prendas de cerâmica regional e houve também um convívio animado por um grupo musical de jovens — o Grupo do Ateneu de Coimbra.

Ainda na sexta à noite, houve comício em Freamunde, no salão dos Bombeiros Voluntários locais. Acompanhados pelo camarada Sérgio Teixeira, do CC do PCP, estiveram presentes e intervieram as seguintes delegações: Jamal Mousa, do Bureau Político do PC de Israel; A. Deboer, do CC do PC da Holanda; Carlos Julio Baez, do CC do PC Sul-Africano e director do jornal «The African Communist». Aos convidados foram oferecidas peças de artesanato em madeira, seguindo-se, no final, um convívio.

Na Póvoa do Varzim, foi na Associação Comercial que teve lugar o comício em que participaram os camaradas Harry Flichtbeil, do Bureau Político e

do Secretariado do CC do Partido Socialista Unificado de Berlim-Oeste; Kare André Niels, do Bureau Político e do Secretariado do CC do Partido Comunista da Noruega; Eduardo Vieira, do Bureau Político e do Secretariado do CC do Partido Comunista do Uruguai e director do órgão central do PCU, e Yuri Skliarov, redactor-chefe da «Revista Internacional» e membro do CC do PCUS. A intervenção final foi proferida pela camarada Helena Medina, membro do CC do PCP. Antes do convívio que se seguiu foram oferecidas às delegações prendas regionais, no caso um par de «poveiros».

Na noite seguinte, outros quatro comícios se realizaram. Um deles em Braga, no Liceu Sá de Miranda. Na mesa tomaram lugar, para além dos convidados estrangeiros, membros de organizações locais do Partido e o camarada António Lopes, do CC do PCP. Intervieram os camaradas Yasuo Ogata, do CC do Partido Comunista do Japão; Reginald Soto, do CC do Partido Guatemalteco do Trabalho, e Shihepo, do CC da SWAPO, membro do secretariado para as Relações Exteriores. O camarada António Lopes encerrou as intervenções, tendo sido entregues prendas aos convidados — cerâmica regional —, após o que se seguiu um convívio.

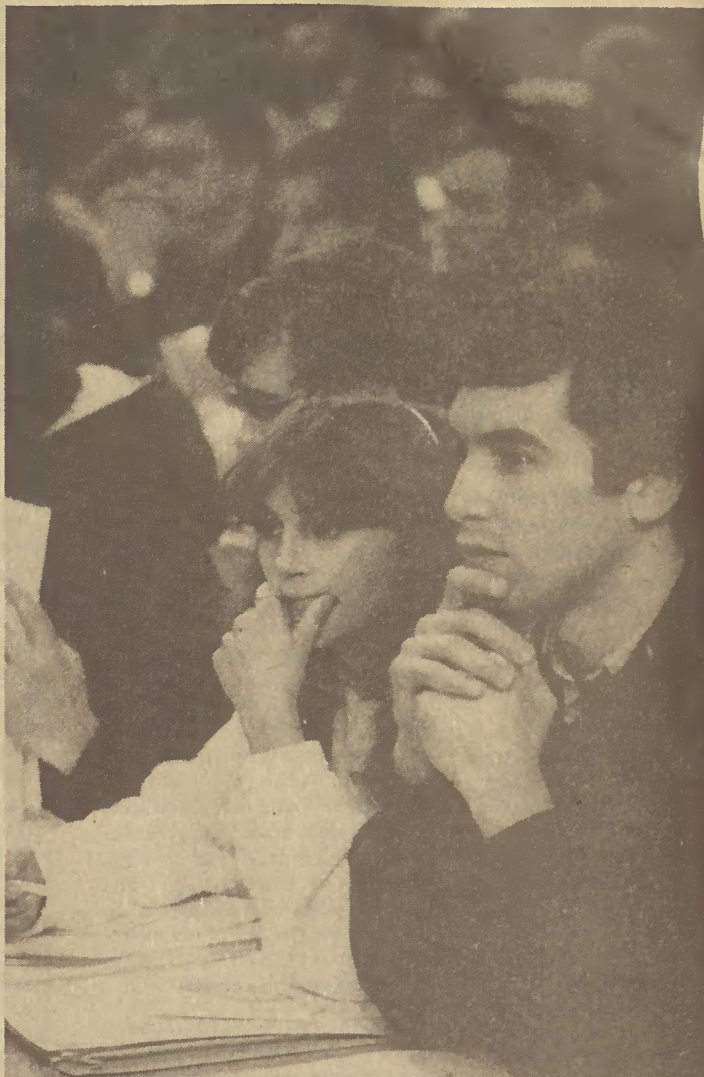
Em Espinho, depois de um encontro no Centro de Trabalho, os convidados foram conduzidos para a sala da Piscina onde eram já aguardados por cerca de duas centenas de pessoas. Tomaram a palavra os camaradas Robert Dussart, do Bureau Político do CC do PC da Bélgica; Ernest Montoussamy, do Bureau Político do PC de Guadalupe; Adolfo Sanchez Rebollo, do Partido Socialista Unificado do México e, também, a camarada Rut Neto, do CC do MPLA-Partido do Trabalho. Em nome do CC do PCP, o camarada Roussado saudou as delegações convidadas. Seguidamente houve uma sessão de Canto Livre, após o que se seguiu um convívio. Aqui, as prendas foram cravos.

Cerca de 250 pessoas assistiram, em Ovar, ao comício realizado no cinema local. Intervieram os camaradas Irma Schwager, do Bureau Político do PC da Áustria, Ramadas Larazaba, do Bureau Político do PC da Venezuela, e Simon Levy, do Partido do Progresso e do Socialismo de Marrocos. Não pode estar presente mas enviou uma saudação o representante da OLP. Por parte do PCP interveio o camarada Vasco Palva, do Comité Central. No decorrer do comício actuou o cantor do Porto, Sérgio Men-

des. No final, houve uma breve recepção no Centro de Trabalho. Foram oferecidas miniaturas de barcos moliceiros aos convidados.

Rio Tinto: o comício realizou-se na Escola Preparatória local com a presença de mais de meia centena de pessoas que enchiam completamente a sala. Na mesa, além de representantes da Comissão Concelhia e dos convidados, encontrava-se o camarada Avelino Gonçalves, suplente do CC, que encerraria o comício. Intervieram os camaradas Ihan Lennroth, do CC do Partido da Esquerda — Os comunistas da Suécia, Donald Ramotar, do Bureau Político do Partido Popular Progressista da Guiana e Volodia Teitelboim, do Bureau Político do Partido Comunista do Chile. Depois, as prendas. E após o comício, um convívio entre os convidados estrangeiros e camaradas portugueses encerrou a jornada de solidariedade.

Os comícios de solidariedade, cada um em terras diferentes, em zonas de maior ou menor influência do PCP, tiveram entretanto muita coisa em comum. A primeira foi o calor reservado aos representantes de partidos irmãos. Outra nota foi o internacionalismo proletário, sublinhado pela assistência em cada intervenção. Os discursos



dos convidados demonstrando por um lado o conhecimento dos traços gerais da situação portuguesa e da luta do PCP, trouxeram novas das diferentes realidades vividas por cada partido e por cada povo. Em dois dias, oito comícios mostraram que em todos os continentes se luta pelo progresso, pelo

socialismo. Em condições e etapas diversas. E mostraram uma preocupação fundamental que é partilhada por todos os povos do mundo: a Paz. A luta pela Paz foi, em todas as intervenções a que foi dado aos repórteres do «Avante!» assistir, a nota mais sublinhada, o denominador comum.

O que os delegados estrangeiros pensam do nosso X Congresso

O X Congresso do PCP foi também, para além de uma demonstração viva de internacionalismo, uma tribuna para os partidos irmãos e forças revolucionárias que estiveram entre nós estes quatro dias. Sessenta partidos e movimentos de quase todos os continentes, como oportunamente divulgámos.

O «Avante!» aproveitou naturalmente a oportunidade para um contacto mais directo com a realidade dos povos em luta, dos países em que se defende a revolução, dos que constroem o socialismo. De todos os que hoje fazem frente ao imperialismo e à ameaça de guerra de extermínio que a sua política agressiva comporta.

Do fruto dos contactos realizados com camaradas e amigos de diversos países, em particular de zonas onde se vive uma realidade muito tensa, iremos dando conta. Para já, num número do nosso jornal fundamentalmente virado para o X Congresso, reproduzimos os depoimentos recolhidos sobre o próprio Congresso.

• **Partido Popular Democrático do Afeganistão — Said Amin Zarra, membro do CC**
«O vosso Congresso realizou-se num momento particularmente difícil da vida política internacional, quando o imperialismo acelera a sua estratégia agressiva contra os países e movimentos progressistas, contra os processos revolucionários e mesmo a existência de alguns países como nações independentes. Daí a importância reforçada do Congresso, não só na vida interna do País, mas também no plano internacional.

«O Congresso mostrou que o vosso Partido está em franco desenvolvimento, na base da luta quotidiana pelos interesses dos trabalhadores, alargando a sua influência entre os que se batem contra a reacção, entre os que defendem Abril.

«O Congresso mostrou de forma bem clara a solidariedade do PCP com todas as forças progressistas, a comunidade socialista, o movimento pela Paz; e o carácter anti-imperialista, contra as forças agressivas, pela paz — que enforma a sua política.»

• **Partido Socialista Unificado da Alemanha — Hermann Axen, membro do Bureau Político e do Secretariado do CC**

«Estamos profundamente impressionados pela força revolucionária da vanguarda da classe operária portuguesa, que se sente neste Congresso. A análise marxista-leninista, a troca criadora de experiências, a clara orientação no sentido da luta pela Paz, em defesa das conquistas de Abril e por uma alternativa democrática, caracterizam o discurso do Congresso. Uma vez mais, o PCP confirma o seu legítimo papel como força determinante da classe operária portuguesa e da nação.

«Na noite escura da ditadura fascista, foi o PCP que manteve bem alto a bandeira da democracia e do progresso social, apesar do terror e das perdas sofridas.

«Por isso, naturalmente, o PCP deu um contributo essencial para a vitória da revolução anti-fascista e democrática no Abril de 1974. Cabem aos comunistas méritos históricos

pelo seu papel inspirador e organizativo na realização das tarefas democráticas que têm levado à mais profunda transformação progressista da vida social e a uma melhoria fundamental da situação política, social e cultural dos trabalhadores.

«É igualmente natural que o PCP não só defenda a revolução democrática, mas simultaneamente trave a luta pela consolidação da democracia e pela independência nacional.

«Estamos convencidos de que este Congresso dará novo e forte impulso à luta da classe operária e de todos os trabalhadores de Portugal

• **Partido Comunista Alemão — Hermann Gautier, Vice-Presidente**

«Do vosso Congresso, parece-me que há três coisas importantes a destacar:

«1.º — O PCP é um Partido do proletariado e um Partido de massas, está intimamente ligado às massas trabalhadoras.

«2.º — Do ponto de vista político e ideológico, o Partido revelou aqui um elevado nível. Todos os presentes compreendem correctamente a situação mundial, o papel do imperialismo, assumem uma clara atitude em relação ao socialismo. Na situação de tensão actual e de agudização dos problemas e contradições, esta é uma questão decisiva para um Partido Comunista.

«3.º — O vosso Partido apresenta uma clara alternativa à política fracassada da coligação PS/PSD. Isso ficou bem claro no relatório apresentado por Álvaro Cunhal. Mas igualmente se verifica nas intervenções sobre temas específicos, por exemplo em relação à defesa da Reforma Agrária, a situação dos trabalhadores nas empresas, os problemas dos intelectuais, da cultura, o papel dos órgãos de soberania, a administração local. Em síntese — é evidente o domínio de todos os assuntos.»

• **Partido Comunista da Grécia — Antonis Abatielos, membro do Bureau Político**

«Assistindo aos trabalhos do vosso glorioso Congresso, posso dizer que estamos a caminhar juntos para o mesmo objectivo. Por coincidência am-

bos os nossos Partidos são de países considerados fronteiras da Europa, o que o mesmo é dizer que estamos numa zona quente. Mas avançamos no nosso caminho. Apesar de todos os obstáculos seguimos rumo aos grandes objectivos da Paz e da causa do socialismo.»

• **Partido Comunista de Israel — Jamal Mousa, membro do Bureau Político**

«Um Congresso magnífico, cheio de força, definindo uma clara linha política que aponta também para a defesa da paz, da unidade do movimento comunista internacional e de todas as forças progressistas, de solidariedade com a União Soviética. Uma unidade fundamental para o fortalecimento da solidariedade entre os povos do mundo, para fazer face a problemas tão graves como o perigo da corrida aos armamentos nucleares por parte dos Estados Unidos.

«O vosso Partido distingue-se pela sua linha consequentemente marxista-leninista, sem vacilações — que está na base da sua força, da sua profunda ligação às massas trabalhadoras.»

• **Partido Comunista Libanês — Nandim Abdul Samad, membro do Bureau Político do CC**

«Fiquei particularmente impressionado com a total ausência de espírito triunfalista. Falei-se dos verdadeiros problemas do País, e profunda e seriamente dos problemas do vosso Partido.

«Considero particularmente importante, pela sua lucidez e clareza, o relatório apresentado por Álvaro Cunhal.»

«Frente Sandinista de Libertação Nacional da Nicarágua — Herman Estrada, Chefe da Secção da Europa do Departamento de Relações Internacionais

«Temos de tomar bem em conta a experiência dos camaradas comunistas portugueses, a experiência da Revolução de 74 — é isto que sinto. Chamou-me particularmente a atenção a militância, a organização, a unidade que aqui se manifestam. Estou plenamente convencido que a Revolução de Abril vai prosseguir. Que,

como destacou Álvaro Cunhal — apesar dos problemas e até dos recuos a Revolução de Abril não morreu.»

• **Organização de Libertação da Palestina (OLP) — Abu-Jafar, director do Departamento Político**

«Unidade, organização, espírito internacionalista — creio que é esta a impressão que todos levamos daqui, do vosso Congresso, do vosso Partido. Um espírito internacionalista que se manifestou de forma inequívoca para com os movimentos de libertação, para com a OLP, para com o Chile, símbolo da luta antifascista, ou ainda para com os representantes de países como o Afeganistão ou a Polónia. O que bem reflecte a compreensão, por parte dos militantes do PCP, da causa comum por que todos lutamos.»

• **Partido Operário Unificado do Polaco — Josef Czyrek, membro do Bureau Político e Secretário do CC**
«Na minha intervenção já afirmei estarmos muito impressionados com o vosso Congresso. Não temos naturalmente o direito de fazer uma avaliação dos seus trabalhos, mas gostaríamos de dar algumas opiniões:

«1.º — Ressalta aqui, no Congresso, que o vosso Partido é realmente o Partido da classe operária, das massas trabalhadoras de Portugal. Isto por um lado.

«Por outro, que acima de tudo os comunistas portugueses estão empenhados no bem do seu povo, no bem de Portugal.



descobridor de novos horizontes para o povo português. Um horizonte de desenvolvimento, de acordo com os princípios de justiça social, de democracia, de um merecido lugar entre os países do mundo da Paz e do Socialismo.

«Agradecemos uma vez mais a todos os delegados ao Congresso, a todos os membros do Partido, e através deles aos trabalhadores portugueses, pela compreensão, amizade e apoio ao nosso Partido, à classe operária, ao nosso povo, que ligou o seu destino ao socialismo, e que segue consequentemente o caminho do progresso e do desenvolvimento.»

• **Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional — El Salvador e Partido Comunista de El Salvador — Mário Aguinada Carranza, membro da Comissão Política do PC e da Direcção Revolucionária Unificada da Frente**

«O que mais ressalta neste Congresso é a força do vosso Partido, a presença viva da sociedade portuguesa, da realidade actual — também fruto da luta abnegada e dura do PCP na luta contra a ditadura. Uma força e uma presença que não são gratuitas. Assentam na grande disciplina, na organiza-

ção, na eficiência, no próprio espírito de solidariedade internacionalista, sempre presente.»

• **Partido Comunista Sul-Africano — Brian Bunting, membro do CC, director do órgão central do PCSA**

«Pensamos que o PCP é maravilhoso. Pelo espírito de unidade, pela determinação, revelada também no duro trabalho necessário para erguer este Congresso. Das raízes do Partido, do seu crescimento constante — os números falam por si.

«A vossa acção é importante, não só para Portugal, também para a Europa e o mundo.

«Também nós beneficiamos da acção, da luta dos povos de Angola, de Moçambique, da Guiné, acção e luta ligadas às do PCP, numa unidade cujo prosseguimento será favorável a todos nós.»

• **Partido Comunista do Uruguai — Eduardo Vieira, membro do Bureau Político**

«É um grande Congresso. A força e coerência do vosso Partido faz, sem dúvida, do PCP, o mais poderoso Partido de Portugal. Força e coerência que advém também da fusão entre um núcleo formado na resistência ao fascismo e os novos quadros, forjados na complexa luta actual.»

Mikail Gorbachev

«É evidente a ligação do PCP à luta do povo»

Foi com palavras de saudação ao X Congresso e a todos os seus participantes, que o camarada Mikhail Gorbachev, membro do Politburo e do Secretariado do CC do PCUS, iniciou a breve conversa com o «Avante!», destacando seguidamente as principais impressões que leva da grande reunião dos comunistas portugueses.

«Na nossa opinião o Congresso decorreu num excelente ambiente. Ambiente que testemunha a coesão do Partido Comunista Português, a certeza do vosso Partido nos seus objectivos, a confiança de sempre na causa por que luta.»

Referindo-se em particular à intervenção de Álvaro Cunhal, Gorbachev afirmou: «Causou-nos profunda impressão: é um relatório profundo, uma ampla análise da situação socioeconómica de Portugal», que se interliga com o «realismo com que são abordadas as tarefas que se colocam no actual momento da evolução da vida em Portugal».

«Paralelamente, as intervenções dos delegados dão larga informação acerca da realidade social, retratam de forma muito completa o que se

passa no vosso Partido, no seio dos trabalhadores, o que é a vida do PCP e a sua luta». Duas apreciações que conduzem a uma terceira: «a estreita ligação do Partido Comunista Português à vida do povo, o estar a par dos problemas que se colocam ao Povo português».

Nesta perspectiva, «os comunistas portugueses lutam activamente para salvaguardar as conquistas de Abril, mas também para aprofundar essas conquistas, no interesse das massas trabalhadoras». Como fruto desta luta, «sobre a influência do PCP, o apoio à sua política, por parte das amplas camadas de trabalhadores, e de camadas de democratas da sociedade portuguesa».

«O Partido Comunista Português cresce incessantemente,

amplia a sua organização.

Vemos neste facto um testemunho muito convincente da mais ampla ligação aos trabalhadores. Um testemunho de que a política do Partido é uma política que corresponde aos interesses do povo».

Nem uma cara indiferente

«Temos a possibilidade de ver toda a sala, todos os delegados. E a sala reflecte, não menos que as intervenções, a mesma profundidade de sentimentos.

«O ambiente do Congresso está impregnado de optimismo, de trabalho, de coesão. Não se vêem caras indiferentes na sala. O Congresso reage literalmente a todas as nuances nas intervenções sobre as múltiplas tarefas do Partido. O Congresso passa num fôlego.

«Não posso deixar de sublinhar que entre os delegados, a par dos veteranos do vosso Partido, está presente muita gente nova, muitas mulheres. A própria composição do Con-

gresso representa amplamente o Povo português.

«Concluindo: tudo isto nos permite afirmar que o **Partido Comunista Português é hoje um partido poderoso, dinâmico, é uma força política nacional.**»

Uma manifestação de internacionalismo

«Não queria deixar de referir que o Congresso dos comunistas portugueses é uma brilhante manifestação de internacionalismo.

«Estão aqui presentes muitos representantes dos partidos revolucionários, dos movimentos de libertação, representantes de praticamente todos os continentes.

«Quero aqui expressar palavras de profundo agradecimento ao CC do PCP, pelo convite feito à delegação do PCUS para assistir aos trabalhos do X Congresso.

«Desde há muitos anos o PCP e o PCUS estão unidos por laços de amizade fraternal, caminhando ombro com ombro. Em nome do nosso Partido — e dos cerca de 18 milhões de comunistas soviéticos — aproveito esta oportunidade para expressar os nossos sentimentos de solidariedade para com a luta do Partido Comunista Português.

«Uma tão ampla representação de delegações estrangeiras no vosso X Congresso é, na nossa opinião, um testemunho convincente do elevado prestígio de que o PCP goza e que conquistou no Movimento Comunista Internacional.

«Pelo que podemos considerar o X Congresso do PCP como um grande acontecimento, não só à escala nacional, como internacional.

«Os Partidos irmãos são praticamente unânimes na apreciação da situação actual, acusando decididamente o imperialismo como principal responsável da tensão actual. Os comunistas afirmam, com toda a razão, que a **essência agressiva do imperialismo norte-americano põe em causa a própria vida e a própria democracia.**

«É importante também — na base da compreensão das causas da tensão actual — que todos os Partidos se pronunciem pela coesão e a unidade, pela necessidade de uma resposta que rechace as pretensões do imperialismo.

«Todos nós estamos convencidos de que a causa da Paz, da democracia e do socialismo — apesar de todas as dificuldades e complexidade de situações — vai inevitavelmente triunfar. Porque na **luta que travam, os comunistas expressam os mais profundos e vitais interesses de todos os povos.**

Obrigado ao Porto

E a terminar: «Espero que os camaradas não vão poupar estas duas ou três linhas de agradecimento aos trabalhadores da cidade do Porto pela hospitalidade com que nos acolheram para o Congresso.

«As maiores felicidades para os habitantes desta cidade.»

Trabalhadores

SALÁRIOS EM DÍVIDA

Participação é decisiva
Todos à vigília de amanhã!

- Concentração no Rossio às 21 horas
- Manifestação do Rossio a São Bento
- Vigílias e concentrações no Porto e noutros pontos do país

Segundo os dados mais recentes, divulgados no princípio desta semana, havia 120 mil trabalhadores com salários em atraso em todo o País. Só no distrito de Lisboa estavam 30 mil nessa situação. Entre os sectores mais atingidos incluem-se os têxteis, a metalurgia, a construção civil.

Num apuramento sumário contavam-se em meados de Dezembro, a nível distrital em Lisboa, 118 empresas que não cumprem as suas obrigações salariais ao fim do mês. Para referir apenas números de Dezembro, acrescente-se que nos têxteis, sector dos mais fortemente atingidos, e só na região do Porto, as dívidas do patronato em matéria de remunerações atingiam mais de 600 mil contos em 15 do corrente. Em empresas como a Sorefame, a Messa, CIFA, Somapre, Setenave, Corame, CP, Gelmar, variando embora de caso para caso as situações concretas e as perspectivas, verificavam-se, e continuam a verificar-se, quer atrasos, quer dívidas, algumas talvez incoercíveis no valor de muitos milhares de contos. Sectores como a construção naval da margem sul do Tejo juntam, com noutros casos, aos salários em atraso a insegurança geral do emprego, os despedimentos, mesmo dramas pessoais e situações de desespero.

No que respeita aos contratos colectivos de trabalho e outras convenções colec-

tivas a situação não é melhor. Na construção civil o contrato não é revisto há mais de dois anos. Na metalurgia, metalomecânica e minas o boicote patronal prolonga-se há meses. Os números são também aqui reveladores de uma política decididamente virada contra direitos e regalias elementares. O Governo atira-se a quem trabalha como gato a bofe. Enquanto o secretário de Estado do Orçamento revela (8 de Dezembro) que já se pagaram cerca de 144 milhões de contos de in-

demnizações — certamente a maior parte delas aos que se apressam a tomar outra vez nas mãos as rédeas da economia — 92 por cento dos desempregados não recebe o competente subsídio. Aumentam os respectivos descontos para o Fundo. Estão previstos 48 milhões de contos de 1984, mas os «beneficiários» só receberão 14 milhões.

Entretanto, só na Gelmar, que emprega à volta de 700 trabalhadores, sobe a 67 mil contos o total dos salários em dívida. Outras empresas, que em situações diferentes poderiam produzir muito mais e aumentar os postos de trabalho, sofrem de instabilidade crónica, recorrem à banca com juros acumulados e

sempre maiores. Gestores e grande patronato escudam-se num Governo que promete «medidas para o saneamento da indústria», enquanto o insuspeito «Financial Times» citado pelo «Tempo» dá como provável a «dispensa» de 20 a 40 por cento dos «250 mil trabalhadores do sector estatal» — leia-se: as maiores fontes de emprego no País.

Preparar o desemprego

Este Governo, se não acabar a tempo, levará o desemprego a níveis insustentáveis. A falta dos salários, que bem poderia figurar como ponto programático da política PS/PSD, é a

tentativa mais séria para atingir esses níveis. O que a AD não conseguiu é agora prosseguido com determinação. Numa altura em que os preços entram em órbita — aumento de 30 por cento em Outubro, findo relativamente ao mesmo mês de 1982 — o Orçamento do Estado corta no investimento produtivo, nas despesas de natureza social, aumenta os impostos, reduz os salários reais, abre a banca, os seguros, os cimentos ao grande capital explorador.

Para «sanear a indústria» o Governo não revê dezenas de contratos colectivos. Sectores tão vastos como a Função Pública, construção civil, metalurgia e metalomecânica continuam a ver-se perante o recurso a formas de luta, apenas para conseguirem que a contratação colectiva funcione, pelo menos quanto às revisões salariais.

No entanto, ministros e secretários de Estado mostram-se na televisão como se nada disso fosse com eles. Referem-se quando muito à «crise». Mas falam na generalidade, como se os salários em atraso, o aumento do custo de vida, os despedimentos fossem parte inevitável de uma austeridade, que aliás o Governo não controla, nem quer controlar.

Já se sabe entretanto

que os gestores vão ganhar mais 17 por cento com retroactivos a Julho. Mas não se sabe que aumentos haverá na Função Pública. Desconhece-se qualquer posição do Governo. Para lá das promessas não há sequer uma contrapartida. Nem o direito à contratação está garantido no sector.

junto do Governo e de outras entidades os direitos mais irrecusáveis dos trabalhadores. Se assim não fosse este Governo teria acabado até com qualquer possibilidade de diálogo, teria fechado completamente a porta da negociação, que ainda mantém com as organizações representativas de

vão reclamar na rua o cumprimento dos contratos, salários em atraso, 13.º mês, viabilização de empresas, segurança do emprego, remunerações compatíveis com o aumento do custo de vida.

Será dito não à fome e ao desespero de muitas famílias que ultimamente tiveram oportunidade de ver até onde já foi e pode ir a «austeridade» deste Governo de degradação nacional.

«Temos direito a receber os nossos salários»: «ninguém pode dizer que não vai ficar sem salário no mês seguinte»; «sector a sector, empresa a empresa, caso a caso, os trabalhadores têm propostas e têm-nas apresentadas»; «nós sabemos que a solução não está no encerramento de empresas ou nos despedimentos, situação que o patronato força não pagando os salários» — lê-se na documentação distribuída pela CGTP, Sindicatos, Federações e União sindical.

As vigílias, concentrações e manifestações de amanhã, juntamente com outras formas de luta (pois a luta prossegue em empresas e sectores) vão representar mais um passo na mobilização solidária, na conjugação de esforços para alcançar objectivos tão comuns e indispensáveis como um simples prato à mesa no dia de Natal.



Sector	N.º Empr.	N.º Trab.	Montante da Dívida
Metalurgia	26	9500	800 000 000\$00
Ind. Eléctricas	6	1223	39 000 000\$00
Hidrocarbonos	4	390	13 000 000\$00
Cerâmica	5	1438	200 000 000\$00
Hoteleira	1	55	11 000 000\$00
Indústria e Com. Farmacéuticos	7	460	13 000 000\$00
Comércio e Serviços	22	2646	152 971 000\$00
Gráfica, Cel. e Imprensa	5	2080	86 500 000\$00
Químicos	11	836	160 000 000\$00
Construção			
Már. e Madeiras	16	4420	100 000 000\$00
Ferrovias	1	5000	125 000 000\$00
Manif. Mercante	2	1225	173 400 000\$00
Portaria e Vigilância	1	30	1 029 000\$00
Rodovias	1	60	2 500 000\$00
Têxteis	9	1205	91 696 000\$00

Fonte: União dos Sindicatos de Lisboa (Dezembro 83)

Não é porque falte a luta

Não é porque falte a luta positiva que as coisas se apresentam assim. As formas de combater a política da coligação têm-se diversificado. A participação não diminuiu. Os sindicatos e as outras organizações representativas têm feito valer

quem trabalha ou espera poder trabalhar.

Amanhã será dado mais um passo nessa luta com as vigílias aprovadas pelo plenário nacional da CGTP. Nas capitais dos maiores distritos do País os trabalhadores sem salários, a par de muitos outros solidários (a instabilidade instalou-se e tende a agravar-se)

Internacional

África

Política do imperialismo passa por Lisboa

Se as coincidências em política têm sempre (ou quase sempre) um carácter suspeito, as coincidências que se têm registado na actuação da diplomacia do Governo PS/PSD para com a África Austral ultrapassa todos os limites do aceitável.

Por Lisboa passaram, num curto espaço de tempo, altos responsáveis de Angola e de Moçambique, da África do Sul e do Zaire, enquanto o ministro Jaime Gama se desdobrava em propostas de cooperação com os países de expressão oficial portuguesa. No intervalo entre uma presença africana e outra, como quem não quer a coisa, chegou o vice-presidente dos Estados Unidos, George Shultz, com o objectivo declarado de assinar o novo acordo sobre a base das Lajes.

Até aqui, se nada mais se tivesse passado, pouco mais haveria a apontar à diplomacia africana de Jaime Gama do que as críticas já feitas quanto à pretensão de servir interesses contraditórios, designadamente no que se refere ao interesse nacional e às vantagens de boas relações com as ex-colónias, e a defesa dos interesses norte-americanos e da África do Sul.

Mas houve muito mais do que isso. O ministro racista «Pik» Botha que esteve em Lisboa duas vezes, no princípio e no final da sua digressão pela Europa capitalista, manifestou claramente a sua satisfação pela forma como decorreram as negociações com o Governo português, justamente enquanto Washington e Pretória concluíam um novo acordo sobre a questão da Namíbia ocupada pelos racistas sul-africanos e cozinhavam uma pretenção proposta de tréguas com Angola em que curiosamente não se incluía a retirada das

tropas que invadiram o sul angolano.

Cabe aqui recordar o interesse com que os Estados Unidos acalentam a esperança de ver as forças cubanas estacionadas em Angola substituídas por forças portuguesas.

Por outro lado, importa destacar que na sua segunda visita Botha foi recebido pelo novo director-geral dos Negócios Políticos, Matos Preença, uma vez que Jaime Gama se encontrava no estrangeiro, tal como Mário Soares e Mota Pinto. A fazer lá na imprensa afecta ao executivo PS/PSD, o facto retiraria por si só importância política à presença do ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul.

Mas será mesmo assim? Numa dessas coincidências referidas no início, acontece que Matos Preença foi o enviado especial de Jaime Gama a Angola e Moçambique, onde entregou as propostas de institucionalização das relações entre os países de língua portuguesa e tratou das próximas visitas de Jaime Gama e Mário Soares a Moçambique. Diligências convenientemente tratadas antes do encontro com Botha...

Sem dúvida também por uma dessas coincidências o gabinete de Jaime Gama procurou fazer-se convidado para a cimeira da Guiné-Bissau realizada no passado fim-de-semana, quando em Lisboa as questões da África Austral eram tema de debate entre os responsáveis portugueses e Georges Shultz, que apesar de

vir assinar o acordo das Lajes trouxe consigo o subsecretário de Estado adjunto para os assuntos africanos, Frank Wisner.

Uma cadeia de coincidências, portanto, em que Portugal ocupa o primeiro plano com os Estados Unidos como pano de fundo, no que se pode considerar como uma autêntica investida diplomática para a África Austral.

Se lhes juntarmos a presença do presidente Mobutu do Zaire, conhecido pelas suas posições seguidistas em relação à Casa Branca; o desmembramento do chamado Grupo de Contacto para a Namíbia, com as consequências daí resultantes para os planos norte-americanos, e o clássico comportamento dos Estados Unidos quando se trata de defender os seus interesses vitais e de desenvolver planos de paz, o resultado é uma complexa engrenagem em que Portugal ocupa um lugar que dificilmente poderá deixar de ser considerado de ponta de lança do imperialismo norte-americano.

Nesse sentido aponta, por exemplo, a cimeira da Guiné-Bissau, onde entre outras coisas foi decidida a dinamização das relações entre os «cinco», através da formação de instituições comuns em vários sectores da sua economia. A entre-ajuda entre os cinco países africanos de língua portuguesa passa também, como ficou expresso em Bissau, pela concertação de esforços para a pacificação da região, em particular no que se refere aos ataques da África do Sul a Angola e Moçambique; a independência da Namíbia; o apoio à luta da Frente de Libertação de Timor-Leste (Fretilin) pela libertação do seu território invadido pela Indonésia.

Uma lança em África?

É por demais evidente que o que está em causa não é a política externa dos países africanos de expressão portuguesa, que apenas aos respectivos dirigentes e povos compete decidir, mas a política externa portuguesa, com todas as suas implicações para os interesses económicos e políticos do país e possíveis reflexos na conturbada situação internacional.

São conhecidas as dificuldades com que se defrontam as ex-colónias portuguesas, a braços com problemas sérios de desenvolvimento herdados do colonialismo e agravados com

os ataques do imperialismo. Problemas cuja resolução não é fácil e para a qual os países interessados terão de procurar o caminho que entenderem melhor, o que passa pelo estabelecimento de relações com quem considerem preencher de forma mais vantajosa as suas necessidades.

Nesse sentido aponta, por exemplo, a cimeira da Guiné-Bissau, onde entre outras coisas foi decidida a dinamização das relações entre os «cinco», através da formação de instituições comuns em vários sectores da sua economia.

A entre-ajuda entre os cinco países africanos de língua portuguesa passa também, como ficou expresso em Bissau, pela concertação de esforços para a pacificação da região, em particular no que se refere aos ataques da África do Sul a Angola e Moçambique; a independência da Namíbia; o apoio à luta da Frente de Libertação de Timor-Leste (Fretilin) pela libertação do seu território invadido pela Indonésia.

Perguntar-se-á em que é que estas questões se prendem com a política externa portuguesa. A resposta é simples: se aos países africanos de expressão portuguesa cabe decidir quais os parceiros com quem prefere negociar, a nós cabe-nos apreciar que espécie de parceiro pretende ser o Governo PS/PSD e que consequências advirão para Portugal da sua política em África.

Porque o que está em causa, para os portugueses, é se o actual governo não está disposto a servir de lança envenenada.

Uma lança envenenada para África, não para defender os interesses nacionais na base

do respeito e vantagens mútuas, mas para servir os interesses do imperialismo norte-americano.

Veja-se o comportamento do Governo PS/PSD, que não sendo convidado para estar presente em Bissau — um mínimo de sensibilidade política teria impedido até a alusão a tal possibilidade, dada a delicadeza dos temas em debate, como o contencioso de Angola com a África do Sul e o caso de Timor-Leste — não teve o bom senso de enviar uma saudação, como fez o Presidente da República, Ramalho Eanes, desejando que a cimeira possa contribuir para potenciar os instrumentos diplomáticos, políticos, económicos e culturais necessários ao desenvolvimento em paz e à soberania dos países participantes.

Veja-se ainda a completa falta de medidas contra a acção de contra-revolucionários a mando da África do Sul desenvolvidos em Portugal, apesar de se começarem a sentir os seus efeitos desastrosos, como o recente afastamento da Petrogal de um empreendimento em Angola.

Veja-se por fim o caso concreto da base das Lajes, que a troco de uns tantos dólares é posta ao serviço da política agressiva dos EUA contra o Médio Oriente e transforma Portugal num alvo certo de qualquer confronto nuclear.

Como duvidar que assim não se defendem os interesses de Portugal? Com este Governo e com esta política o país transforma-se cada vez mais numa filial norte-americana o que será muito bom para a administração Reagan e péssimo para os portugueses.

PCP

Homenagem a José Dias Coelho

Várias centenas de pessoas associaram-se na passada segunda-feira numa singela homenagem a José Dias Coelho, militante comunista assassinado pela polícia política do fascismo, há 22 anos. O acto decorreu exactamente no local onde os esbirros da ex-PIDE assassinaram o nosso camarada e incluiu, para além de breves alocuções que enalteceram a figura e o exemplo do cidadão pintor e comunista, a deposição de uma coroa de flores sobre a lápide situada na rua onde o crime foi cometido.

Entre os presentes encontravam-se dois membros do Comité Central, os camaradas Abílio Martins, António Cordeiro e José Godinho, membro da Comissão de Freguesia de Alcântara do PCP e presidente da Junta de Freguesia.

Este último, numa intervenção evocativa das circunstâncias em que ocorreu o assassinato, abordou a situação social da população da freguesia, situação semelhante à que se vive um pouco por todo o país em resultado do agravamento das condições de vida e de trabalho. Em Alcântara, conforme salientou, existem também muitos trabalhadores cujas empresas têm os salários em atraso, que sofrem as ameaças de despedimento ou sentem os efeitos da repressão. Referindo-se à gestão da APU no decorrer deste ano que agora finda, o orador sublinhou que muitos dos projectos programados em benefício da população da freguesia estão concluídos ou em concretização, o que constitui também uma forma de homenagem a Dias Coelho.

Abílio Martins, falando em nome da direcção do Partido, chamou a atenção por seu turno para o amor à pátria, à liberdade e à democracia, valores que nortearam a vida de Dias Coelho e que hoje se encontram também no centro da luta dos trabalhadores e do povo português.

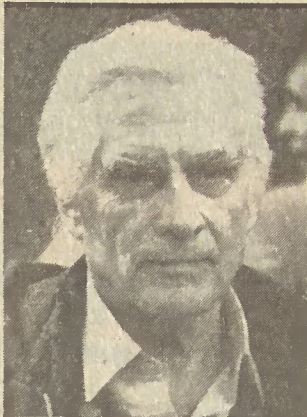
A importância do X Congresso do PCP, da análise da situação política nacional lá efectuada, bem como das propostas dele resultantes mereceram também algumas considerações de Abílio Martins que salientaria a necessidade do reforço da luta de massas como elemento decisivo para a defesa da democracia e para a criação de uma alternativa democrática que abra caminho à resolução da grave crise que o País atravessa.

OBRAS ESCOLHIDAS DE MARX/ENGELS
OBRAS ESCOLHIDAS DE LÉNINE

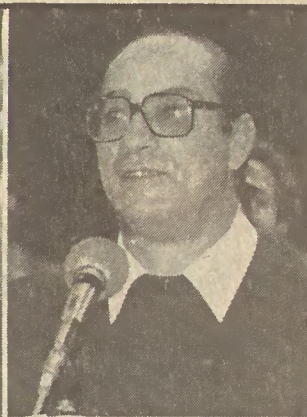
Obras fundamentais dos fundadores do socialismo científico em 6 volumes.

Finalmente a tradução portuguesa rigorosa dos principais textos de Marx, Engels e Lénine. edições Avante! e Editorial Progresso

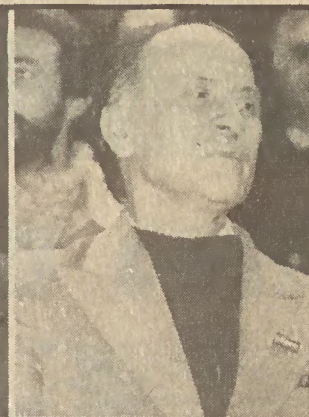
PCP



Álvaro Cunhal



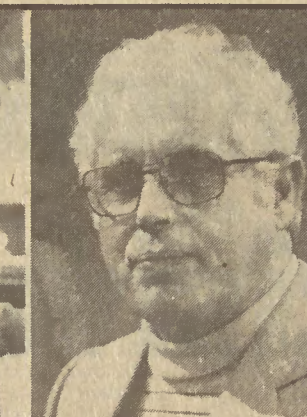
Ângelo Veloso



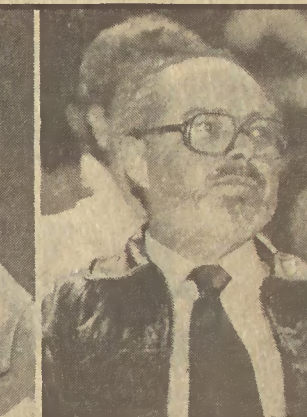
Dias Lourenço



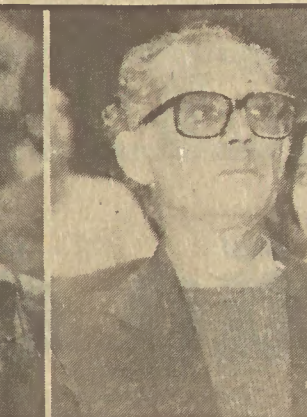
António Gervásio



Carlos Brito



Carlos Costa



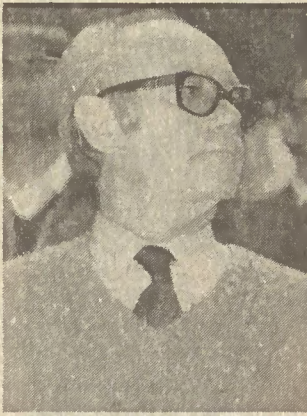
Diniz Miranda



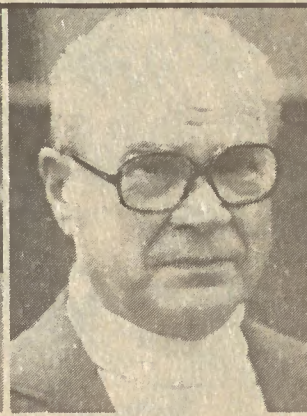
Domingos Abrantes



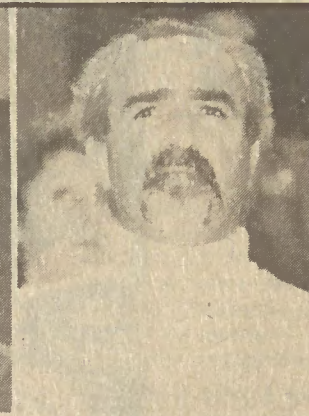
Fernando Blanqui Teixeira



Jaime Serra



Joaquim Gomes



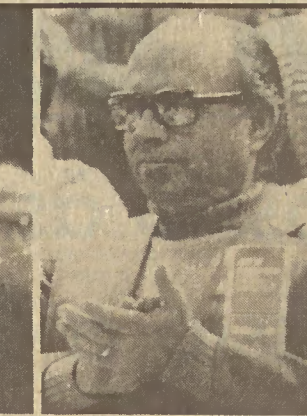
Jorge Araújo



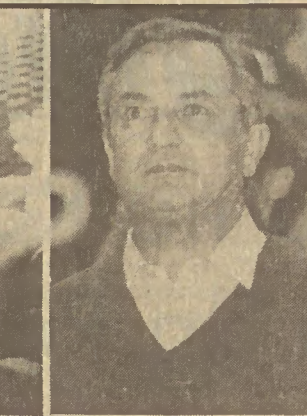
José Soeiro



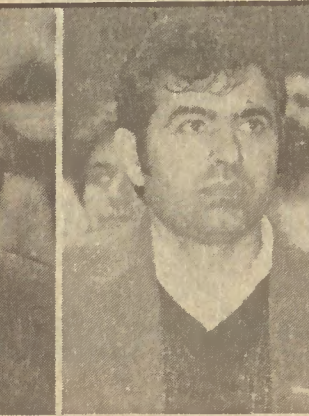
José Casanova



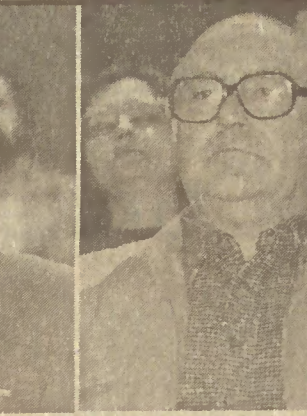
José Vitoriano



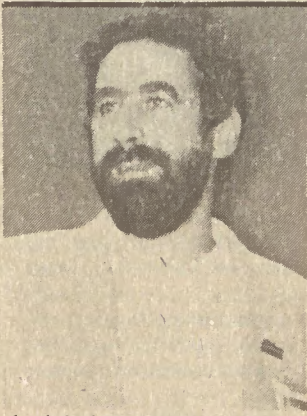
Octávio Pato



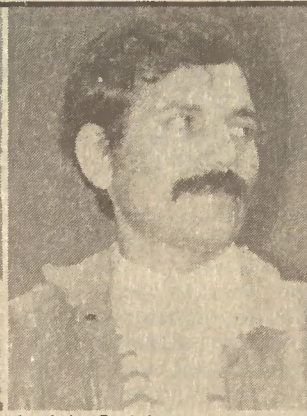
Raimundo Cabral



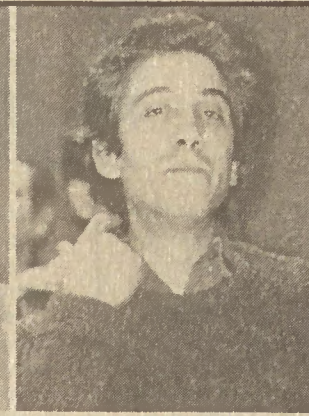
Sérgio Vilarigues



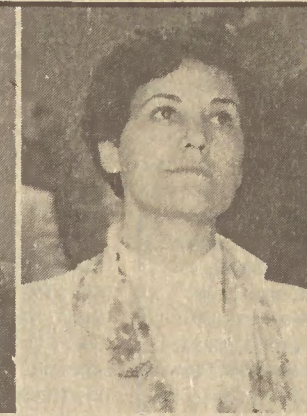
António Lopes



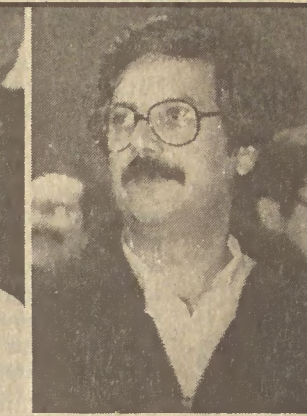
António Orcinha



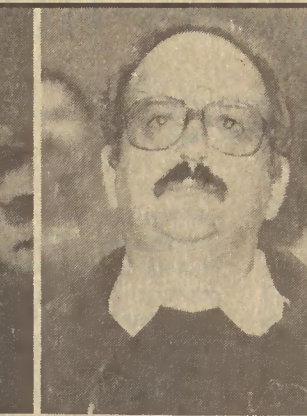
Artur Vidal Pinto



Bernardina Sebastião



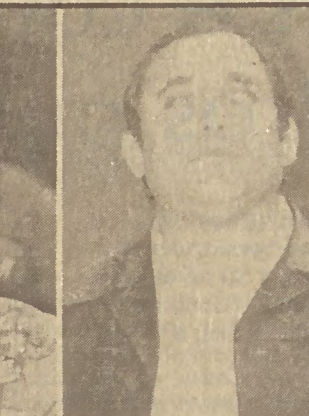
Carlos Ramilhes



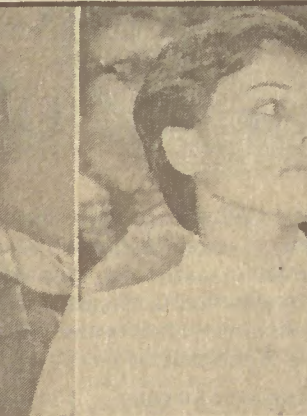
Edgar Correia



Zita Seabra



Jaime Félix



Luísa Araújo

O novo Comité Central e os seus organismos executivos

Membros efectivos

Abílio Lopes Martins
Operário metalúrgico, 51 anos

Adelino Pereira da Silva
Operário metalúrgico, 44 anos

Albano Freire Nunes
Intelectual, 42 anos

Agostinho Nuno de Azevedo Ferreira Lopes
Engenheiro, 39 anos

Alexandre Teixeira
Operário metalúrgico, 31 anos

Álvaro Cunhal
Licenciado em Direito, 70 anos

Américo Lázaro Leal
Operário corticeiro, 61 anos

Ângelo Matos Mendes Veloso
Intelectual, 53 anos

António da Conceição Andrez
Empregado, 32 anos

António Dias Lourenço da Silva
Operário metalúrgico, 68 anos

António Fernandes Martins Coelho
Empregado, 43 anos

António Joaquim de Azevedo Ferreira Lopes
Empregado, 36 anos

António Joaquim Gervásio
Operário agrícola, 56 anos

António José Casmarrinha
Operário, 38 anos

António José Orcinha Rodrigues
Operário metalúrgico, 34 anos

António dos Santos Murteira
Engenheiro agrícola, 36 anos

António Santo
Operário metalúrgico, 55 anos

António dos Santos Graça
Empregado, 45 anos

António da Silva Mota
Operário metalúrgico, 46 anos

Armando da Conceição Moraes de Oliveira
Operário metalúrgico, 38 anos

Armando Monteiro Nogueira
Operário metalúrgico, 37 anos

Artur José Vidal Pinto
Operário, 37 anos

Aurélino Monteiro dos Santos
Intelectual, 53 anos

Bernardina Lúcia Sebastião
Operária, 30 anos

Branca Maria da Cruz de Carvalho
Empregada, 30 anos

Carlos Alfredo de Brito
Empregado, 50 anos

Carlos Augusto Pinhão Correia
Pequeno comerciante, 57 anos

Carlos Campos Rodrigues Costa
Intelectual, 56 anos

Carlos Alberto do Vale Gomes Carvalhas
Intelectual, 41 anos

Carlos Aboim Inglês
Intelectual, 53 anos

Carlos Luís Figueira
Empregado, 39 anos

Carlos Manuel Ferreira da Paz Ramilhes
Operário, 34 anos

Diamantino José Dias
Operário metalúrgico, 33 anos

Diniz Fernandes Miranda
Operário agrícola, 54 anos

Domingos Abrantes Ferreira
Operário metalúrgico, 47 anos

Domingos Oliveira Dias
Operário metalúrgico, 30 anos

Edgar Maciel Almeida Correla
Engenheiro, 38 anos

Ernesto dos Santos Afonso
Operário metalúrgico, 34 anos

Eulídes Fernandes Pereira
Empregado, 42 anos

Eugénio Baeta Ribeiro Plisco
Operário metalúrgico, 32 anos

Fernando Blanqui Teixeira
Engenheiro, 61 anos

Fernando das Neves Teixeira
Operário, 40 anos

Francisco José de Almeida Lopes
Operário, 28 anos

Francisco Miguel Duarte
Operário, 76 anos

Francisco do Rosário Maia Lancinha
Operário, 48 anos

Georgete de Oliveira Ferreira
Operária têxtil, 58 anos

Henrique Florentino Pacheco das Neves
Operário metalúrgico, 27 anos

Henrique José Carvalho de Sousa
Empregado, 32 anos

Hipólito Fialho dos Santos
Operário metalúrgico, 43 anos

Horácio José Cecílio Rufino
Empregado, 33 anos

Ilídio Dias Esteves
Operário, 59 anos

Jaime dos Santos Serra
Operário, 62 anos

Jaime de Sousa Félix
Operário, 43 anos

João de Matos Bernardino
Empregado, 36 anos

Joaquim Gomes dos Santos
Operário vidreiro, 66 anos

Joaquim Jorge Alves de Araújo
Intelectual, 47 anos

Joaquim Pires Jorge
Operário, 76 anos

Jorge Manuel Sarlo de Matos
Professor do ensino primário, 37 anos

José Augusto Esteves
Empregado, 36 anos

José Baptista Mestre Soeiro
Operário agrícola, 35 anos

José Carlos Almeida
Empregado, 52 anos

José Machado Moreira Rita
Operário agrícola, 41 anos

José Manuel Mendonça de Oliveira Bernardino
Intelectual, 48 anos

José Nogueira da Silva Casanova
Operário, 44 anos

José Pedro Correia Soares
Operário, 33 anos

José Rodrigues Vitoriano
Operário, 65 anos

José Teodósio Cachochas
Operário metalúrgico, 38 anos

Júlio António Delaunay Filipe
Operário, 35 anos

Luísa Araújo
Empregada, 36 anos

Manuel Martins Pedro
Empregado, 52 anos

Manuel Sobral Antunes Pereira
Empregado, 39 anos

Manuel Vasco da Costa Ferreira Paiva
Empregado, 31 anos

Maria Alda Barbosa Nogueira
Intelectual, 60 anos

Maria Helena Guimarães Medina
Intelectual, 33 anos

Maria Margarida Carmo Tengarrinha
Intelectual, 55 anos

Maria da Piedade Morgadinho Monteiro dos Santos
Intelectual, 50 anos

Maria Rosa Monteiro Rabiais
Empregada, 30 anos

Marília Pereira Moraes Villaverde Cabral
Empregada, 41 anos

Moisés Belo Calado
Operário agrícola, 36 anos

Octávio Floriano Rodrigues Pato
Empregado, 58 anos

Óscar Luso de Freitas Lopes
Professor catedrático, 66 anos

Raimundo do Céu Cabral
Operário agrícola, 36 anos

Raimundo Pedro Narciso
Intelectual, 45 anos

Rogério Rodrigues de Carvalho
Empregado, 63 anos

Rosa de Oliveira Dias
Operária têxtil, 27 anos

Sérgio Manuel de Sousa Teixeira
Operário, 33 anos

Sérgio de Matos Vilarigues
Operário, 68 anos

Severiano Pedro Falcão
Operário, 60 anos

Sofia de Oliveira Ferreira Santo
Operária, 61 anos

Vitor Manuel Caetano Dias
Intelectual, 38 anos

Zita Maria Seabra Roseiro
Intelectual, 34 anos

Membros suplentes

Américo Bernardo Abalada
Operário da construção civil, 30 anos

Ana Benedita Ramos Caro
Operária agrícola, 36 anos

António Afonso Lima Martins
Operário da construção civil, 29 anos

António Baptista Cordeiro
Operário, 32 anos

António José Anacleto
Pequeno agricultor, 49 anos

António Simões de Abreu
Engenheiro, 36 anos

Armando da Silva Carvalho
Agricultor, 30 anos

Augusto da Silva Carreto
Operário agrícola, 30 anos

Avelino Pacheco Gonçalves
Empregado, 44 anos

Carlos Alberto Cardoso Mendes Grilo
Empregado, 38 anos

Carlos Manuel Guerra Fraião
Intelectual, 35 anos

Carlos Vitor Baptista da Costa
Intelectual, 44 anos

César Manuel Cavalheiro Roussado
Empregado, 38 anos

Clarinda Maria Pinto Nogueira
Empregada, 30 anos

Dionísio Moisés Simões
Operário agrícola, 40 anos

Domingos Martins Morim Lopes
Intelectual, 34 anos

Emídio José de Vasconcelos Pinto Ribeiro
Intelectual, 35 anos

Eulália Rosa Caeiro Miranda
Operária, 29 anos

Fernando Esteves Vicente
Engenheiro, 42 anos

Fernando Freitas Rodrigues
Empregado, 29 anos

Fernando Lopes Oliveira
Empregado, 31 anos

Francisco António Braz Calxinha
Operário agrícola, 29 anos

Francisco Joaquim Lourenço Pereira
Operário, 26 anos

Francisco Rodrigues Lobo
Intelectual, 52 anos

Hélder da Silva Nobre Madeira
Empregado, 44 anos

Henrique Nunes Lemos
Operário, 39 anos

Horácio António Simões da Costa Guimarães
Intelectual, 35 anos

Jerónimo Carvalho de Sousa
Operário metalúrgico, 36 anos

João Alberto Garcia de Abreu
Operário da construção civil, 27 anos

João António Torrinhos Paulo
Operário metalúrgico, 34 anos

João José Alfacinha Pinheiro
Operário, 39 anos

João Maria de Andrade Fernandes da Fonseca
Empregado, 44 anos

Joaquim Augusto Nunes Pina Moura
Intelectual, 31 anos

Joaquim Caetano Bexiga Tofes
Operário, 28 anos

Joaquim Estevão Miguel Judas
Intelectual, 32 anos

Joaquim Fernando Gorjão Duarte
Intelectual, 42 anos

Joaquim Inácio Charneca Miguel
Operário agrícola, 36 anos

Joaquim Manuel Almeida Dias
Operário, 38 anos

Jorge Manuel Duarte Paixão
Operário, 26 anos

José Bento Paleta Fernandes
Operário metalúrgico, 35 anos

José de Sousa Cavaco
Engenheiro, 42 anos

José Eduardo Bicudo Decq Mota
Intelectual, 34 anos

José Francisco Madeira Cheira
Operário agrícola, 40 anos

José Gonçalo Simão Timóteo
Operário metalúrgico, 31 anos

José Luís Correla da Silva
Operário agrícola, 44 anos

José Manuel Aranha Figueiredo
Operário, 35 anos

José Manuel Caiado Ferreira Neto
Intelectual, 36 anos

José Manuel Gomes de Freitas
Empregado, 40 anos

José Manuel Maia Nunes de Almeida
Operário metalúrgico, 38 anos

José Rodrigues Antunes
Operário, 28 anos

José Vieira
Operário metalúrgico, 35 anos

Lucínio Branco Amante Falé
Empregado, 39 anos

Luís Manuel da Silva Viana de Sá
Intelectual, 31 anos

Manuel António Teixeira de Freitas
Operário têxtil, 34 anos

Manuel António Vicente
Operário agrícola, 53 anos

Manuel Mendes Nobre Gusmão
Assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, 38 anos

Maria da Conceição Moraes Matias
Empregada, 34 anos

Maria Elvira Barreira Ferreira Nereu
Empregada, 42 anos

Maria Fernanda Santos Cardoso Mateus
Operária têxtil, 24 anos

Maria Fernanda de Sousa Barroso
Engenheira, 35 anos

Maria Leonor Maia Xavier
Operária agrícola, 33 anos

Maria Teresa de Azevedo Ferreira Lopes
Professora do ensino secundário, 32 anos

Miguel da Conceição João
Operário agrícola, 33 anos

Rogério Fernando da Silva Ribeiro
Professor e artista plástico, 53 anos

Rogério Francisco Arraiolos
Operário agrícola, 46 anos

Romeu Augusto Domingos do Rosário
Empregado, 43 anos

Ruben Luís Tristão de Carvalho e Silva
Intelectual, 39 anos

Serafim Brás da Silva
Agricultor, 29 anos

Serafim Manuel Seabra da Silva
Operário agrícola, 30 anos

Virgílio Manuel França Azevedo
Operário metalúrgico, 28 anos

Vitor Alberto Alves dos Santos
Operário, 30 anos

Vitor José Cabrita Neto
Intelectual, 40 anos

Vitor Luís Cabral de Castro
Operário, 42 anos

Vitor Manuel Marques Fernandes
Empregado, 41 anos

Organismos executivos
do Comité CentralComissão Política
Efectivos

Álvaro Cunhal
Ângelo Veloso
Dias Lourenço
António Gervásio
Carlos Brito
Carlos Costa
Diniz Miranda
Domingos Abrantes
Fernando Blanqui Teixeira
Jaime Serra
Joaquim Gomes
Jorge Araújo
José Soeiro
José Casanova
José Vitoriano
Octávio Pato

Raimundo Cabral
Sérgio Vilarigues

Suplentes

António Lopes
António Orcinha
Artur Vidal Pinto
Bernardina Sebastião
Carlos Ramilhes
Edgar Correia
Zita Seabra.

Secretariado Político
Permanente

Álvaro Cunhal
Carlos Brito
Carlos Costa
Domingos Abrantes
Octávio Pato.